

ANO 4/Nº 16/AGOSTO E SETEMBRO DE 2013

pense!

REVISTA DO PROGRAMA DE
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA



Iguais na diferença

A equidade é um dos princípios básicos do PAIC e resguarda o direito à alfabetização a todos os estudantes, sem distinção

BONITO DE SE VER
Museu da Língua Portuguesa **6**

VIVER PARA CONTAR
Tatiana Belinky **22**

O CEARÁ CONHECE
Rede Tucum **44**

EDITORIAL

Equidade é um tema que acompanha o PAIC desde a sua fundação e faz parte da base constitucional do Programa. Conseguir alfabetizar todos os alunos da rede pública até os 7 anos de idade, reconhecendo as dificuldades de cada município e de cada estudante é um dos nossos maiores desafios. A revista Pense! também acompanha essa meta, através de seu propósito de chegar a todos os professores do Estado, buscando incentivá-los à prática da leitura de forma lúdica, atrativa e informativa. Para contemplar o tema, a edição que você tem em mãos traz a matéria principal exclusiva sobre equidade no PAIC. Ler esse texto é uma boa forma de compreender mais a fundo um princípio básico que norteia as principais ações da Seduc.

A Pense! 16, como vocês poderão notar, recebeu algumas pequenas modificações. A primeira delas foi a chegada da seção “Essas Mulheres”, uma homenagem às figuras femininas da nossa literatura. Em cada edição, escolheremos algumas personagens de um determinado autor brasileiro e falaremos sobre elas, reconhecendo seu peso e seu valor na nossa identidade cultural. Nesta edição, inicialmente, lembramos a importância das personagens do escritor Monteiro Lobato, Emília, Narizinho, Tia Nastácia e Dona Benta.

A segunda mudança se refere à seção “Nossa Terra”, que foi suprimida para dar espaço a uma página a mais à seção “O Ceará Conhece”. Aqui, o objetivo é que possamos fazer, a cada edição, um passeio no nosso Estado, conhecendo melhor as diversidades do nosso povo e das nossas belezas naturais. A Rede Tucum foi escolhida para ser o tema desta edição por ser uma iniciativa bem-sucedida de turismo comunitário no Ceará. Confira e conheça um pouco mais o lugar onde você vive.

A Pense! 16 também contempla, além dos temas já mencionados, as belezas do Museu da Língua Portuguesa, uma entrevista com a pedagoga Elba Barreto, as brincadeiras líricas da saudosa Tatiana Belinky, a música do grupo O Teatro Mágico e muito mais. Esperamos sinceramente que gostem da leitura.

EXPEDIENTE

GOVERNADOR

Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR

Domingos Gomes de Aguiar Filho

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO

Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO ADJUNTO

Maurício Holanda Maia

CONSELHO EDITORIAL

Rui Rodrigues Aguiar (UNICEF), Cristiane Holanda, Fabiana Skeff, Lucidalva Pereira Bacelar; Márcia Oliveira Cavalcante Campos, Maria Amélia Prudente Pinheiro, Maurício Holanda Maia.

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria Amélia Bernardes Mamede

EDIÇÃO

Anna Cavalcanti

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

Sarah Kubrusly

TEXTOS

Anna Cavalcanti, Sarah Kubrusly e Márcia Catunda

REVISÃO

Marta Maria Braide Lima

FOTOGRAFIAS

Capa: Márcio Moreira
Morguefile e Wikicommons

ILUSTRAÇÕES

Carlus Campos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Carol Gouveia e Pedro Marques

FALE CONOSCO

revistapensece@gmail.com

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, o posicionamento da Secretaria da Educação do Estado do Ceará.
Tiragem: 25.000 exemplares

Sumário



Pedagogia



Plano de Aula
Quadrinhos
Aprendizado com
diversão

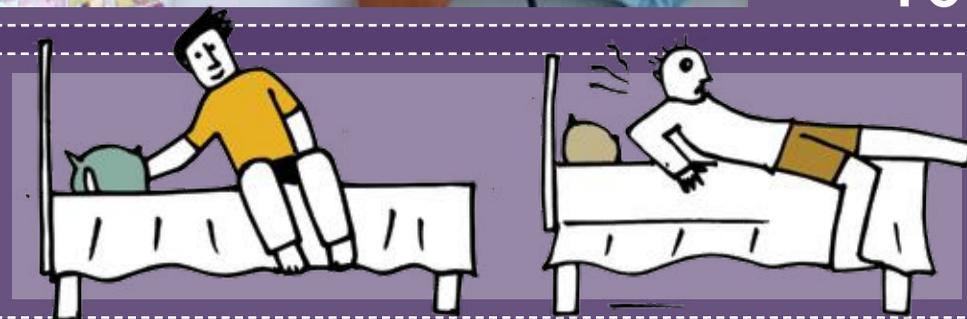
16



Ciência

Papo Saúde
Coluna
Dores nas costas

38



Cultura

Asas da Palavra
O Teatro Mágico
Espetáculo de encher os olhos

36



Matéria Principal

Matéria
Principal
Equidade
Educação para
todos

24



Pedagogia



Bonito de se Ver
Museu da Língua
Portuguesa
Palavras inscritas na história

6



Cultura

Cadeiras na Calçada
Sabores e aromas
Memórias sensoriais

18



E ainda

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| 04 Prova dos Nove | 30 Meio Ambiente |
| 05 PAIC em Dia | 32 Mãos à Arte |
| 08 No Ceará é Assim | 34 Mundo Virtual |
| 09 Você Sabia | 35 De Onde Vem |
| 10 Entrevista | 40 Educação no Tempo |
| 13 Filosofando com Arte | 42 Sala dos Professores |
| 14 Missão Possível | 44 O Ceará Conhece |
| 20 Essas Mulheres | 46 Pense! Indica |
| 22 Viver para Contar | 47 Diversão |
| 28 Panorama | |



Qual a sua dúvida?

Encanto-me muito com as propostas da pedagogia de projetos, mas tenho algumas dúvidas em relação a algumas questões. Por exemplo, um projeto tem de ser sempre interdisciplinar, porque atualmente é uma coisa que buscamos em nossa escola. Mas gostaria de saber se eles não podem ser relativos a uma só disciplina. Outra dúvida é em relação à culminância do projeto. Se o mais importante é o que o aluno constrói durante o projeto, por que dar tanta importância ao resultado final?

(Maria do Socorro – Fortaleza)

Maria do Socorro, um projeto certamente pode ser relativo a uma área do conhecimento somente, como um projeto de português para estimular um aluno a ler e a conhecer diversas obras e autores, por exemplo. Muitas vezes os conteúdos de diferentes disciplinas parecem estar articulados e serem complementares (e na maioria das vezes estão mesmo), mas durante a execução dos projetos só alguns aspectos são contemplados de maneira adequada. Ao propor um projeto voltado a uma matéria, é possível aprofundar-se mais nos conteúdos. Interdisciplinar ou não, o essencial é que os projetos tenham objetivos claros e pertinentes com o que as crianças necessitam aprender em cada etapa. Respondendo seu segundo questionamento, podemos afirmar que sua ideia em relação à importância do que acontece durante a execução do projeto é maravilhosa, mas a culminância também é essencial. É nesse momento que as crianças vão se deparar com os frutos dos projetos que foram desenvolvidos e também é a hora em que os pais também têm maior acesso a isso.

Sou professora da Educação Infantil e em minha sala de aula há uma quantidade pequena de brinquedos para o número de alunos. O que eu posso fazer para que todas as crianças brinquem sem ter briga por nenhum brinquedo?

(Ana Maria – Pacajús)

Se não tem uma quantidade suficiente em sua sala, você pode optar por fazer rodízios. Os grupos podem se dividir em momentos de uso dos brinquedos, dos livros, atividades de arte e

outras atividades propostas pela professora. Outra opção é construir com as crianças brinquedos de sucata e incluí-los ao acervo da sala. Em caso de haver um dia especial dedicado somente à brincadeira, pode-se sugerir que as crianças tragam um brinquedo de suas casas. **PI**

*Respostas dadas por Sarah Kubrusly, supervisora pedagógica da Pense!

ENVIE SUA PERGUNTA

revistapensece@gmail.com

LUZ DO SABER INFANTIL

No mês de abril, 173 municípios do Estado do Ceará receberam formação do software Luz do Saber Infantil. Foram cinco dias de formação com grupos reunidos de maneira diferente: o primeiro era composto por aqueles que já estavam com ações consolidadas e que participaram trocando experiências e tirando dúvidas. No segundo grupo foram feitos aprofundamentos sobre a utilização do software para concluir a formação já iniciada anteriormente. O terceiro grupo foi composto pelos municípios que estão iniciando seu trabalho com o Luz do Saber Infantil e, portanto, ainda precisavam das orientações de como manipular o programa. Segundo Viviane Pereira, formadora da Seduc, “os municípios estão super motivados em realizar esse trabalho e também se mostrando bastante curiosos! Foi muito bom ver presença e envolvimento tão grandes.”



ACERVO PESSOAL

NOVAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Currículo é um tema de interesse para educadores e pessoas envolvidas com educação. No mês de maio, aconteceu o último encontro para a elaboração das Orientações Curriculares de Língua Portuguesa. Por meio de oficinas com professores e formadores, que aconteceram em diferentes datas, foram coletadas informações importantes para estruturar um currículo que aproximasse a teoria da realidade vivenciada em sala de aula. Dessa maneira, foram discutidas e avaliadas diversas orientações para a elaboração desse material, que vai ser lançado oficialmente em setembro deste ano.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM FORTALEZA

A Educação Infantil é bem compreendida na sua função de educar e cuidar. Por essa razão, os municípios do Ceará são incentivados e apoiados a implementarem ações para constante melhora da qualidade dessa etapa. Uma das estratégias utilizadas para isso é a organização de encontros e formações para que questões relativas à Educação Infantil sejam discutidas e propiciem mais ações positivas por parte de gestores e professores. A última formação foi feita com os professores de Fortaleza com o intuito de discutir e refletir sobre a importância e necessidade do planejamento das práticas pedagógicas. **PI**



Museu da Língua Portuguesa



Localizado na cidade de São Paulo, o Museu é um constante palco para novas descobertas da nossa Língua

Existem muitos museus pelo mundo que abrigam obras artísticas, antiguidades e vários tipos de materiais que se referem à memória e história de grupos de pessoas. No Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo, está

localizado o Museu da Língua Portuguesa, um espaço que abriga em si um dos patrimônios culturais mais importantes para um povo: a Língua. Por ela ser um bem imaterial, o museu ganha um aspecto inovador e totalmente diferenciado. Para se ter ideia, trata-se do único museu do mundo que tem um idioma por acervo.

A inovação não se refere somente ao que expõe, mas também a como essa exposição é feita. Em um espaço físico onde estão distribuídas

exposições permanentes e temporárias, o museu mantém como proposta central a ideia de colocar o visitante em interatividade constante com esse acervo por meio de recursos artísticos e tecnológicos. Isso ajuda a compor um espaço mais vivo e criativo, possibilitando uma compreensão maior da dinâmica da Língua.

Entre os atrativos permanentes do museu encontramos a Linha do Tempo, que se inicia em 4.000 a.C. É a partir desse ano que se começa a contar a

história de nossa Língua – que nessa época ainda não existia –, fazendo referência à extinta Língua indo-europeia. No painel ainda encontramos as origens indígenas e africanas do nosso português. A palavra cutucar, por exemplo, veio do Tupinambá e significava tentar furar alguém com algo pontudo. Incorporamos ao português e a utilizamos como significado de chamar alguém tocando com alguma parte do corpo.

O mais interessante é como a linha termina. Abaixo do ano 2000 – o último sinalizado – fica um espelho, demonstrando que a Língua Portuguesa se modifica todos os dias e que seu futuro depende de todos que estão vivendo e transformando a Língua agora. Isso demonstra, como encontramos no site do museu, que “o cidadão usuário de seu idioma é o verdadeiro ‘proprietário’ e agente modificador da Língua Portuguesa”.

Além da linha do tempo, há outra exposição permanentemente de grande destaque: um telão com 106 metros de comprimento (considerado o maior do mundo), que exhibe filmes que contemplam diversos temas brasileiros como a música, a culinária, as festas e outros que, no geral, buscam trazer à



Telões e computadores fazem parte do acervo interativo do Museu

tona a relação que diversos aspectos culturais do Brasil têm com a Língua Portuguesa.

O Museu já abrigou temporariamente diversos escritores como Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Machado de Assis, Cora Coralina, Oswald de Andrade e Jorge Amado. Imagens, retratos, vozes, materiais de construção, vídeos diários, gavetas e os mais diversos materiais já foram utilizados para dar vida às obras desses escritores. Uma iniciativa como essa colabora com a valorização da Língua como elemento central de nossa cultura, além de estimular os visitantes a conhecer mais as diversas obras da literatura nacional.

Com olhos voltados à

compreensão histórica, social e antropológica da Língua, um espaço como esse merece admiração e respeito por valorizar de maneira agradável e enfática um de nossos patrimônios. **PI**

SAIBA MAIS

O Museu da Língua Portuguesa foi inaugurado no dia 20 de março de 2006, na Estação da Luz, um prédio histórico que já recebeu em seu saguão diversos imigrantes e personalidades importantes que chegavam a São Paulo utilizando o meio de transporte ferroviário. Para saber mais sobre a história do museu e outras informações é só acessar o site www.museulinguaportuguesa.org.br



Formação indígena

Os índios cearenses obtiveram grandes conquistas na saúde e na educação

Na educação, a população indígena cearense conseguiu o seu espaço. Se antigamente as aulas eram ministradas embaixo de árvores, hoje é comum encontrar índios nas escolas, atuando como alunos ou professores. No dia 6 de março deste ano, a primeira turma indígena cearense colou grau pela Universidade Federal do Ceará (UFC). O curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2008, em uma nova modalidade chamada de Licenciatura Intercultural, e permitiu que os índios adquirissem conhecimentos teóricos e metodológicos característicos da formação para o exercício da docência, sendo assim eles ficam aptos a dar aulas em escolas de sua etnia.

Ao todo, 36 índios da etnia tremembé de Almofala, que cursaram o ensino superior desde 2006, conseguiram



TÉPINHEIRO

essa grande conquista na história indígena do nosso Estado. A turma completa conseguiu concluir o curso.

Na cultura e na saúde, também há avanços. A Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) quer deixar 100% das aldeias indígenas saneadas, com abastecimento de água e kit's sanitários até 2015. Já a Secretaria de Cultura do Ceará (Secult) pretende criar o Memorial dos Povos Indígenas para contribuir com a visibilidade e a difusão das culturas indígenas do Estado.

“O que mais me surpreendeu nos índios cearenses foi perceber como eles estão bem organizados enquanto movimento social. Eles estão bem conscientes dos seus direitos e não desistem de ir buscá-los”, explica a professora universitária e pesquisadora do Museu Virtual

do Índio Cearense (Muvic), Carmen Luisa Chaves Cavalcante.

Somente em nosso Estado, há 14 etnias, são elas: Tapeba, Tremembé, Pitaguary, Jenipapo - Kanindé, Kanindé, Potiguara, Tabajara, Kalabaça, Kariri, Anacê, Gavião, Tubiba, Tapuia e Tapuba Kariri. Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), reunindo um total de 22 mil índios. **P!**

SAIBA MAIS

O Museu Virtual do Índio Cearense (Muvic) é uma produção do curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (Unifor) e está vinculado ao projeto de pesquisa “Comunicação, Educação e Diversidade: ferramentas conceituais para o estudo e o trabalho com a Cultura”, do Laboratório de Educação, Comunicação e Sociabilidades (Labecos).

Que chocolate pode ser um veneno letal aos cachorros?

Há um composto químico no cacau chamado teobromina, semelhante à cafeína, que é extremamente tóxico aos cães quando ingerido em certa quantidade (100 a 150 ml por quilo do cachorro). Cada tipo de chocolate possui uma quantidade diferente de teobromina, ficando muito difícil aos criadores saber o quanto pode-se dar ao seu bichinho. Não é tão difícil de se ver um cachorro “atacar” uma cesta de chocolates e comer meio quilo de guloseimas. Nesse caso, se o cachorro for pequeno, a travessura pode ser fatal. O melhor a fazer é manter o cachorro em dieta permanente, bem distante dos doces.



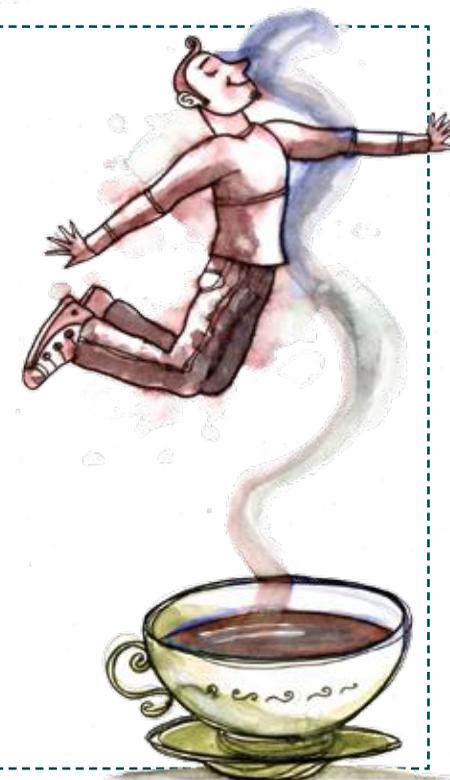
Que o primeiro romance do mundo foi escrito por uma mulher?

Uma mulher foi a autora do primeiro romance literário. Seu nome é Murasaki Shibiku, uma japonesa da classe nobre, escreveu no ano 1007 um livro chamado “A história de Genji”. O livro conta a história de um príncipe em busca de amor e sabedoria. A pessoa que escreveu o maior número de romances na história também é uma mulher. Barabara Cartland é autora de 723 romances, que venderam mais de um bilhão de cópias em 36 idiomas, fazendo dela também a autora de romances mais vendida do mundo.



Que café não deve ser preparado com água fervente?

Apesar de o café ser geralmente passado com água fervente, estudos indicam que a temperatura ideal para preparar a infusão de café é de 95 a 98 graus, assim, alguns instantes antes do líquido ficar fervente. Se a água for muito fria não extrai óleos essenciais e cafeína suficiente dos grãos, enquanto que a água fervente provoca um grande aumento do índice de acidez da bebida, alterando seu sabor e deixando menos agradável.



Que tomar banho depois de comer não faz mal?

O que não é recomendado é fazer exercícios depois de saborear uma refeição, mas tomar banho não tem problema. Logo, um banho de piscina é permitido, por exemplo, mas nadar não. Após as refeições, o sangue é distribuído para o sistema digestivo, em órgãos como intestino e estômago e, ao praticar exercícios depois de comer, esse mesmo sangue acaba sendo distribuído entre os músculos do corpo que estão trabalhando, o que pode causar mal-estar e enjoo.



Elba Barreto

“Justiça na Escola como Equidade: Princípios e Práticas” foi o tema do Seminário Internacional que a Secretaria da Educação (Seduc) e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) realizaram no começo deste ano, reunindo pesquisadores da área, gerentes municipais e estaduais, técnicos da Seduc, professores e representantes de diversas instituições. Nele, pudemos conversar com Elba Siqueira de Sá Barreto, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas. Na ocasião, falamos sobre os desafios da questão curricular no contexto educacional brasileiro e sobre as políticas de avaliação externa. Confira a entrevista a seguir.

Pense!: Como exatamente a questão curricular interfere na noção de justiça e equidade na escola?

A questão da equidade focaliza a necessidade de atender cada um na medida das suas necessidades, e dar



mais a quem tem menos. Se você tratar os desiguais da mesma maneira, você não vai contribuir para eliminar as diferenças. Para conseguir uma igualdade básica, de acesso, de conhecimentos, é preciso atender a cada um na medida das suas necessidades. O currículo trabalha com o coração da escola. É aquilo que se aprende e se ensina, o que a sociedade acha importante e valoriza para ser trabalhado, aquilo que oficialmente está prescrito, está determinado que os alunos devem aprender. Mas o currículo também implica aprender um modo de conhecer a vida, com costumes, hábitos, disposições para gostar, para apreciar certas coisas e rejeitar outras. Então, esses valores não explícitos também fazem parte do currículo. Nesse processo de frequência à escola por muitos anos, as crianças vão aprendendo a gostar de si mesmas ou a rejeitarem algumas características que elas trazem. O currículo, além de trazer conhecimentos relevantes sobre mundo, uma visão da natureza e das relações sociais, trabalha também com a própria identidade, com a noção de quem eu sou, de como é que eu me situo na sociedade em que eu vivo. Por isso que o currículo é um veículo que pode facilitar uma visão positiva e

uma visão negativa das pessoas. Ele é a chave para se discutir as questões de acesso e a garantia de direito ao conhecimento que deve ser assegurada a todas as crianças.

Pense!: Como o trabalho de recriação dos currículos pode ser feito de forma partilhada?

Muita gente dá opiniões sobre os currículos no Brasil. Há decisões que partem de diferentes níveis da sociedade. Por que tanta gente opina sobre o currículo? Exatamente porque é pelo currículo que se formam os corações e mentes das crianças. Pela Legislação, o Governo Federal estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são referências para os currículos, referenciais para a Educação Infantil. Depois, os Estados e os municípios decidem sobre o que as escolas devem trabalhar em relação ao currículo e às próprias escolas.

Quando o currículo chega à escola, é preciso levantar as condições que existem nela para desenvolver o trabalho educacional propriamente dito. É preciso saber quem é o corpo docente, quais as suas características e necessidades de apoio, e é preciso conhecer bem as características da população escolar. Em geral, as escolas dizem:

“A população é de baixa renda”, uma afirmação muito genérica. A gente conhece muito pouco sobre a vida dessas crianças, o modo como elas são educadas e as expectativas das famílias. O currículo tem de ser redefinido nessa dimensão. Na verdade, o currículo tem também uma pretensão de abrir uma janela para o mundo, de ensinar linguagens mais complexas para as crianças, então ele não pode se reduzir só a uma dimensão local, não funciona. Porque, então, você tende a prender a criança em uma realidade que ela já conhece, que ela vivencia, e não dá abertura para ela conhecer o mundo-outro, que a escola e o conhecimento possibilitam. Por outro lado, o currículo que vem de cima para baixo não funciona. Os professores não entendem, não respondem bem às necessidades dos alunos. Então, o trabalho de reelaboração do currículo que é feito nas escolas sempre vive essa tensão entre o geral e o particular, o local e o universal.

Pense!: De que maneira a senhora pensa em testes de avaliação que sejam pensados de forma mais abrangente e menos restritiva?

A ideia do Ideb tem um componente equitativo porque ela procura não só aferir o rendi-



mento dos alunos, mas também o fato de que todos os alunos permanecem nas escolas. O grande desafio está em combinar um rendimento bom e assegurar que todos os alunos, independentemente das suas características sociais e culturais, tenham condições de aprender. Porém, como ele é um indicador matemático, estatístico, ele tem levado a algumas distorções. Muitas vezes, as escolas acabam deixando de trabalhar o currículo, que implica desenvolver conhecimentos mais abrangentes da sociedade.

O aluno precisa saber em que país ele vive, como é seu sistema de governo, como são as formas de participação, como são as formas de expressão cultural etc.. Quando a gente reduz o currículo ao que cai nos testes, a gente empobrece muito. Então, é preciso tomar cuidado. Esses indicadores dão alguns elementos que devem orientar a escola e que servem bem para diagnosticar as dificuldades, mas eles não são todo o currículo. O currículo é muito mais amplo e ele precisa ser trabalhado na íntegra. Então, a gente não pode confundir aquilo que cai nos testes com o currículo. Se ele for trabalhado de uma maneira mais global, certamente isso vai se refletir no resultado

dos alunos. Se você achar que o que a escola deve ensinar é apenas aquilo que cai na prova, você está adestrando os alunos para se saírem bem na prova, não está educando os alunos para se saírem bem na vida. A vida é muito mais complexa do que uma prova e ela exige outras habilidades que precisam ser trabalhadas na escola.

Pensel: Quais são os grandes desafios para haver uma maior equidade nas políticas públicas escolares?

Em primeiro lugar, é preciso considerar as diferenças nas redes de ensino. Há um problema de equidade no Brasil que são as diferenças de Estado para Estado, em relação aos recursos que eles têm para disponibilizar para cada rede. Há diferenças entre as próprias redes e, também, entre as escolas. Há, no Brasil, um mecanismo perverso que, na mesma rede de ensino, se uma escola está em uma região com mais equipamentos sociais, ela tende também a ter melhores recursos. Pode reparar: escolas que atendem os bairros mais pobres tendem a ter as piores dependências, têm menos recursos didáticos para se trabalhar, os professores rodam mais, não permanecem

muito tempo na escola. Nós oferecemos um ensino mais pobre às crianças que mais necessitam. Não há uma intenção deliberada de fazer isso, mas o funcionamento da rede acarreta essas distorções. É preciso prestar atenção nisso porque uma maior equidade, em termos de apoio nos recursos oferecidos ao ensino dos alunos, implica em políticas que ofereçam mais a essas escolas que estão mais deficitárias. Isso cria melhores condições de trabalho. É preciso dar incentivo aos professores para que nelas permaneçam.

Em termos de currículo, é preciso pensar em uma atenção diferenciada aos alunos que a gente tem. Sei que a gente tem alunos que vão disparado na frente, então é preciso criar condições para enriquecer o currículo, e não para nivelar o currículo da escola por baixo. A gente não pode, não tem o direito de abandonar os outros no fundo da classe, trabalhar com os que vão e esquecer os que não vão. A escola precisa criar condições de trabalho mais adequadas para os alunos que têm dificuldade, essa é uma questão de equidade também, precisa estar sensível às formas de atendimento. Há maneiras diversas de trabalhar, o importante é que a escola esteja atenta para não estigmatizar. **PI**

A fase dos porquês

A personagem Mafalda é cheia de questionamentos sobre a vida. E você?

Mafalda é uma menina de 6 anos, de origem classe média, que frequenta a escola, tem alguns amigos e odeia sopa. Como toda criança nessa idade, ela gosta de questionar os pais, a professora, os amiguinhos e outros adultos desconhecidos. Apesar de manifestar compaixão e carinho pelo mundo onde vive, é cada vez mais consciente dos males que a rodeiam, com uma visão aguda e crítica da vida.

Quando foi concebida, em 1962, pelo cartunista argentino Quino, para estampar uma campanha publicitária de uma máquina de lavar roupas, nem seu próprio criador imaginou que, três anos depois, Mafalda já estaria ganhando fama em seu país e mundo afora. Criada para fins publicitários, ninguém conseguiria acreditar que o quadrinho fosse fazer sucesso em uma outra direção, pela crítica social e

com os comentários ácidos da sua protagonista.

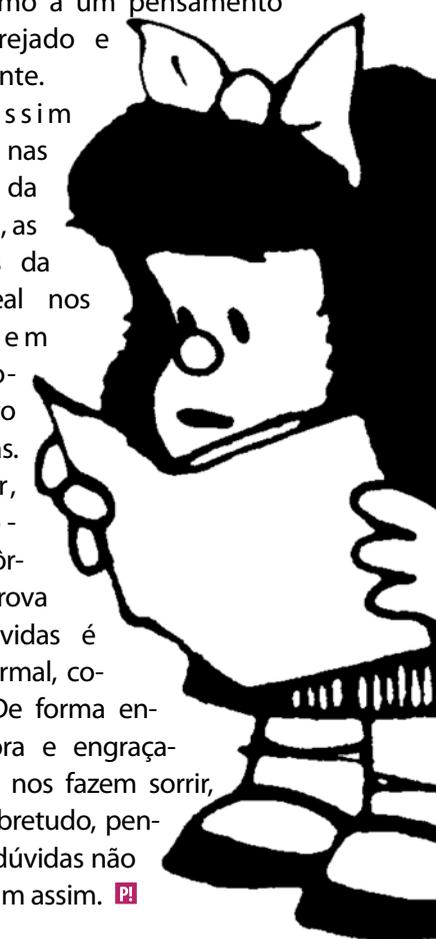
Mafalda é a caricatura de uma fase, geralmente presente entre crianças de três a seis anos, que passam a questionar desde temas simples, como “o que é um carro?”, até os mais complexos e existenciais assuntos. A tirinha de Quino, desde o início, procura refletir o bom humor que é próprio desse momento, mas também mostra o desespero dos pais quando questionados, sem saber qual resposta dar à filha. A aflição ocorre porque os pensamentos de Mafalda estão quase sempre além da compreensão dos pais, que acabam aprendendo e se questionando com as ideias dela.

Essa fase ocorre nas crianças devido à construção da identidade, quando elas passam a ter noção do próprio “eu” e da importância da sua existência. Na tirinha, Mafalda é um adulto encarnado em criança, trazendo à tona questões que muitos de nós não têm coragem de se fazer. A personagem confronta seus leitores e, como crianças da sua idade, propõe um pensa-

mento mais profundo acerca de temas polêmicos e delicados, especialmente no universo infantil.

Questionar nossas atitudes, o universo que nos rodeia e o porquê de algumas crenças pode ser uma forma saudável de refletirmos sobre nós mesmos e o caminho que escolhemos ao longo da vida. A pergunta é a base para o conhecimento e só através dela podemos ser capazes de sair dos paradoxos e pragmatismos rumo a um pensamento mais arejado e consciente.

Assim como nas tirinhas da Mafalda, as crianças da vida real nos propõem questionar junto a elas. Pensar, descobrir, pôr-se à prova das dúvidas é algo normal, comum. De forma encantadora e engraçada, elas nos fazem sorrir, mas, sobretudo, pensar. Ter dúvidas não é tão ruim assim. **PI**





Produção de papel com fibras da bananeira

Alunos da Escola de Ensino Médio Theolina de Muryllo Zacas mostram uma forma inovadora, possível e sustentável de produzir papel

A Escola de Ensino Médio Theolina de Muryllo Zacas se localiza na cidade de Bela Cruz, ao norte do Ceará. Foi lá que essa história começou. As estudantes Socorro Margareth Oliveira e Antônia Amanda Araújo, que na época cursavam o 1º ano do Ensino Médio, expuseram ao professor de ciências Fernando Nunes sua inquietação ao constatarem que muitos alunos não se preocupavam onde deixavam o lixo, demonstrando falta de zelo pelo espaço da escola e pelo meio ambiente.

A partir daí, o professor começou a orientar as garotas



ARQUIVO PESSOAL

para encontrarem um objeto de estudo e transformar o ensino de educação ambiental em uma vivência mais prática, que pudesse sair do âmbito unicamente teórico.

A escolha da produção de papel a partir da fibra da bananeira se deu porque esta planta, depois que gera frutos,

perde sua utilidade. Em outras palavras, vira lixo. Utilizá-la seria uma forma de produzir um material essencial ao dia a dia de todas as pessoas sem agredir o meio ambiente. Além desse aspecto inovador, outro elemento foi de extrema importância para que o experimento recebesse destaque

ainda maior: no momento de produção, a cola foi substituída por amido de milho.

Não foi tão simples assim chegar a todos esses resultados. Segundo o professor Fernando Nunes, o passo a passo aconteceu da seguinte maneira: “Iniciamos a pesquisa para saber como acontecia o processo de produção de papel normal e vimos que era feita a partir da fibra do eucalipto. Logo, estudamos a resistência de sua fibra e fomos procurar uma outra que tivesse resistência similar e que não fosse preciso destruir ou desmatar para produzir. Então, encontramos a fibra da bananeira”, esclarece.

O professor prosseguiu afirmando que foram feitos vários testes até chegar a um papel de boa consistência e pouca diferença em relação aos comumente usados: “Produzimos papéis de várias espessuras e percebemos que não existe muita diferença. O nosso só apresenta um aspecto um pouco mais rústico que o outro porque esse papel que produzimos não passa por nenhum processo químico”. Toda a experimentação aconteceu no laboratório da escola e contou com a participação de cerca de 200 estudantes.

Esse projeto contribuiu bastante para o envolvimento



dos alunos com questões ligadas ao meio ambiente e recebeu representar o Brasil em feiras fora do País. Entre elas, a maior do mundo, que aconteceu nos Estados Unidos: a Intel Isef. Também recebeu menção honrosa da Unesco como melhor projeto de inovação tecnológica do Brasil.

Para Fernando, “o desenvolvimento da pesquisa tomou uma proporção muito grande que não esperávamos que tomasse. Foi uma surpresa perceber a mudança de mentalidade da comunidade escolar em relação à postura ambiental, como também foi surpreendente ter participado em eventos fora do Brasil, e até mesmo ganhar prêmios internacionais. Essa grande repercussão só aconteceu graças aos resultados que conseguimos internamente”.

O próximo passo do projeto é o que o professor orientador considera o mais difícil: conseguir investimentos para iniciar produção de papel em maior escala. Os alunos da escola Theolina de Muryllo Zacas merecem reconhecimento pelo esforço e dedicação ao projeto e aos cuidados com o meio ambiente. E os professores e gestores não merecem menos, pois incentivar a postura observadora e investigativa em seus alunos é uma atitude louvável. **PI**



VALÉRIA FREITAS



Diversão como ferramenta didática

Utilizar revistas em quadrinhos na sala de aula é uma ótima maneira de estimular a leitura e o aprendizado nas crianças de forma descontraída

pense!

16

pedagogos estão adotando as revistas em quadrinhos como ferramentas didáticas.

Um desafio que professores podem enfrentar na sala de aula é despertar o interesse e a atenção dos alunos para os conteúdos. No momento de cumprir essa tarefa, é importante levar o conhecimento com criatividade e saber inovar. Pensando nisso, muitos

Mais do que uma forma de entretenimento, as histórias em quadrinhos estimulam o interesse pela leitura e colaboram com o aprendizado das crianças. De acordo com o jornalista e doutor em Comunicação Roberto Elísio dos Santos, ao falar diretamente ao imaginário da criança, esse tipo de leitura preenche suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras. “A experiência de folhear as páginas de uma

revista em quadrinhos pode gerar e perpetuar o gosto pelo livro impresso, independente de seu conteúdo. Além disso, o aprendizado por meio do uso de quadrinhos é mais proveitoso”, explica o pesquisador em seu artigo “Aplicações das histórias em quadrinhos”.

Entre as principais vantagens da utilização das revistas em quadrinhos estão o baixo custo na compra dos gibis, a fácil localização deste material e a afinidade dos estudantes com este meio de comunicação. A combinação de imagens e onomatopeias juntamente ao texto simples atrai a atenção dos estudantes.

Para utilizar as histórias em quadrinhos em sala de aula, cabe ao professor fazer um planejamento das atividades escolares e estabelecer a forma mais adequada para trabalhar um determinado assunto. Questões como “Qual história utilizar?” e “Que aspectos enfatizar” devem ficar a critério do professor e irão variar conforme seus objetivos.

“Posso afirmar que as crianças gostam mais das revistinhas do que dos paradáticos indicados na escola onde eu trabalho. Os gibis auxiliam a criança a ter gosto pela leitura, incentivam a prática de desenhos, além de ha-

ver um estímulo à criatividade e à produção textual”, afirma a professora de 1º ano do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa Jessiane Laurindo, que, além de utilizar as histórias em quadrinhos como ferramentas pedagógicas, também faz uso das mesmas na elaboração de provas.

Além de expor tirinhas nas avaliações de interpretação de texto, outras atividades que costumam ser realizadas pelos professores são a de identificação de personagens – onde a professora mostra o desenho de alguns deles e as crianças dizem seu nome – e a distribuição de historinhas em quadrinhos com balões vazios, onde as crianças devem criar uma nova história baseada nos desenhos, com o objetivo de estimular a criatividade. Vale lembrar que esses momentos só irão funcionar se as crianças tiverem familiaridade com esse gênero textual, bem como com os personagens presentes nas atividades.

Outra ideia interessante é “criar” no espaço da sala uma editora de gibis, onde cada grupo de alunos desempenhará uma função. Enquanto um grupo faz a produção da capa, outros elaboram o roteiro, as ilustrações, as falas etc.. Para que isso aconteça é necessário

que as crianças compreendam como um gibi é produzido. O professor pode se informar sobre isso e explicar às crianças. Ou então levá-las ao laboratório de informática para que assistam a vídeos instrutivos.

Para o desenvolvimento dessa proposta ficar ainda mais dinâmico, a escola pode tentar entrar em contato com alguém que trabalhe com gibis e convidá-lo para visitar as crianças. Estas podem criar um roteiro coletivamente com as perguntas que mais lhes suscitem curiosidade (isso contribui para que seu envolvimento seja maior).

Mesmo que algumas sugestões às vezes não tenham possibilidade de serem executadas, os docentes podem buscar alternativas. O importante é que as crianças sintam-se protagonistas no trabalho que desenvolvem, além de serem devidamente observadas nos pontos objetivados pelo professor (escrita, leitura, compreensão textual, desenvoltura ao trabalhar em equipe, técnica artística etc.). Dependendo da imaginação do professor, a utilização de revistas em quadrinhos pode deixar a aula mais divertida, descontraída e fazer com que as crianças aprendam o conteúdo abordado de forma mais lúdica. **PI**

17

pense!



Cheirinho familiar

O aroma e o sabor dos alimentos que moldam a infância passam a fazer parte do nosso cardápio ao longo da vida

São muitos os cheiros e sabores que acompanham o nosso cotidiano, desde a hora que acordamos até o final do nosso dia. O olfato, juntamente

ao paladar e à visão, é um dos primeiros sentidos despertados quando sentimos desejo de comer algo. É graças a ele que salivamos quando perce-

bemos que algum cheirinho bom percorre o ar.

Por possuírem uma relação muito estreita e forte, o paladar e o olfato caminham sempre juntos, acumulando e armazenando muitos perfumes e sabores que vamos conhecendo ao longo da vida. Alguns, por marcarem de forma especial, ficam guardados nas memórias gustativa e olfativa e nos fazem lembrar nossa infância ou alguma situação específica. É dessa forma que nossas memórias sensoriais afetam também nossas emoções, evocando lembranças e tornando alguns cheiros mais familiares que outros.

É comum, nos horários das principais refeições do dia, o cheiro da comida do vizinho chegar à nossa casa. O aroma dos temperos, do bolo saindo do forno e de uma pipoca quentinha parecem estar saindo da nossa própria cozinha, de tão intenso. É assim que ele chega até o vizinho e fisga, inicialmente, o olfato. E por que não ir provar também? Foi assim que Maria do Socorro, 78, e Dione Sales, 77, de Fortaleza, conheceram-se, ao seguirem o aroma dos pratos preparados por elas. Vizinhas há 8 anos, as duas descobriram que tinham receitas a compartilhar depois que Socorro e sua neta sentiam o cheiro do bolo de milho que chegava de um andar para outro do prédio onde moram. “A gente sentia o cheiro, até que decidimos interfonar para o apartamento dela, elogiar e pedir a receita”, lembra Socorro. Até hoje, as duas se re-encontram, conversam sobre recordações e, também, compartilham ideias de pratos saborosos.

Além de apelar para o olfato, o paladar também chega através do sentido auditivo: o som do triângulo anunciando o chegado é familiar à maioria dos cearenses da capital e do interior, que são apaixonados pela crocância le-

vemente doce de um alimento tão nosso. O som do chegadinho é um apelo à nossa memória afetiva, lembra o passado e circunstâncias que já não são mais as presentes. Outro som bem familiar é o sino tocando para anunciar a passagem do vendedor de picolé e dindim. Quantas mães não foram acordadas no meio da tarde com os filhos pedindo o dinheiro para comprar essas guloseimas?

Algumas dessas delícias ainda persistem entre as diver-

sas comidas de rua, junto aos carrinhos de tapioca, às bicicletas com salgado e suco e aos vendedores de cocada.

A relação que temos com a comida, além de agregar a nossa própria família e lembrar um tempo que passou, pode reunir pessoas de fora, motivando e proporcionando novas amizades, trocas de experiência e, quem sabe, novas receitas. Você já experimentou pedir uma xícara de açúcar ao vizinho? Pode ser um começo. **PI**

BOLO DE MILHO (para o cheiro chegar no vizinho)

(extraída do site www.panelinha.ig.com.br)

INGREDIENTES

- 1 lata de milho com caldo
- 2 colheres de sopa de manteiga derretida
- 1 vidro pequeno de leite de coco
- 2 1/2 xícaras de chá de farinha de milho em flocos
- 1 colher de sopa de fermento
- 3 ovos inteiros
- 2 1/2 xícaras de chá de açúcar
- 1 pitada de sal

MODO DE PREPARO

Misture todos os ingredientes no liquidificador, primeiro os líquidos, depois o açúcar, a farinha, o sal e, por último, o fermento. Coloque em forma de buraco untada com manteiga e farinha (muito bem untada porque ele gruda um pouquinho sempre). Leve ao forno quente e deixe por 30 minutos. Depois de desenformar, polvilhe um pouco de fubá por cima para dar um charminho a mais.





Mulheres do Sítio

Com personalidades distintas e peculiares, as personagens femininas do Sítio do Picapau Amarelo prevalecem nas obras lobatianas

Frutos de exemplos concretos ou mesmo frutos de concepções, personagens, tramas e cenários nascem e crescem juntos nas histórias. A fortaleza e o impacto que eles provocam no leitor são fundamentais para que uma obra seja consagrada.

Muitos escritores fizeram suas apostas no universo femi-

nino, criando personagens que apresentam traços prevalentes bem como outros traços de personalidades femininas das mais diversas origens. Nesta seção, teremos o prazer de levar a vocês alguns desses ícones.

E por que não começar por aquelas filhas do “pai da literatura infantil no Brasil”, que de maneiras distintas encanta-

ram e ainda encantam gerações de crianças (e mesmo adultos)? Com vocês: Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho e Emília.

Quando falamos de Dona Benta, a primeira imagem que surge em nossas mentes é a de uma “vovó” carinhosa, simpática, paciente e cheia de sabedoria. Sempre respeitada e valorizada pelos que a cercavam, seus ensinamentos e conselhos eram muito respeitados no famoso sítio de Lobato. No entanto, o mais interessante nessa personagem é que, apesar da idade avançada, Dona Benta não perde o fascínio e nem deixa de acompanhar os avanços trazidos pelos tempos modernos.

Nesse último aspecto mencionado, no fato de se preocupar com o engrandecimento cultural de seus netos e na importância que dava à literatura, a senhora de óculos e cabelos brancos muito se parecia com seu criador. Além da associação com o autor, Dona Benta também pode ser associada aos conhecimentos ditos formais, como os dos clássicos da literatura, filosóficos e científicos. E essa última observação nos permite interrogar a respeito da presença de outro tipo de conhecimento tão importante quanto esses levados por Dona Benta: os saberes populares.

Folclore, crenças, comidas típicas... Isso tudo parece muito com a cozinheira dos bolinhos mais famosos do Brasil: Tia Nastácia. Duas personalidades tão distintas, mas com significados complementares. Assim são Dona Benta e Tia Nastácia: a primeira bastante segura, falante e de formação com ar cultural europeu. A segunda sempre um tanto medrosa, de poucas falas (com exceção na obra “Histórias de Tia Nastácia”) e que traduz muito da brasilidade de nosso povo. Como o próprio Pedrinho expressa: “Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai con-

tando, de um para outro, ela deve saber”.

Antagônicas só à primeira vista também são a menina Lúcia (Narizinho) e a boneca Emília. A meiga Narizinho e a questionadora e atrevida Emília nem sempre se configuraram com essas características com as quais as consagramos.

No livro “A menina do nariz arrebitado” (o primeiro escrito por Lobato), Narizinho mostrou-se bastante ardilosa e até um pouco cruel com sua boneca ao armar o casamento desta com o Marquês de Rabicó. Nas primeiras obras a menina também teve seus momentos de comportamento arredo, egoísta e autoritário tal qual Emília ao longo dos outros livros. A boneca, por sua vez, antes de ligar sua “torneirinha de asneiras”, nasceu muda. Só depois de tomar as pílulas falantes do Doutor Caramujo, Emília virou uma tagarela.

Muitos defendem que Emília era o alter-ego de Monteiro Lobato. Antes, contudo, podemos dizer que a boneca falante era a porta-voz da infância. Segundo Margarida Alacoque, em sua dissertação de mestrado, “Emília seria o eu inconsciente de Narizinho, que por identificação, representa a infância brasileira do início do

século. Acreditamos que ao fazer vir à tona esse outro eu, Monteiro Lobato não só criou uma personagem inesquecível, como também desencadeou um processo de mudança na concepção de infância”.

A autora também afirma que “Emília permite à criança Narizinho, por espelhamento, e através dela à criança leitora, a transposição simbólica de dificuldades que a criança enfrenta em uma sociedade fortemente marcada pela contradição. É por isso que, apesar de ser um ente tão inusitado – uma vez que não é boneca, nem ser humano; não é adulto, nem criança; não é má como uma bruxa, nem bondosa como uma fada, mas tudo isso ao mesmo tempo –, as crianças se identificam com ele e é nela que espelham seus anseios e desejos, é nela que objetivam sua situação psicológica, social e até mesmo intelectual”.

Dessa forma, Lobato conseguiu trazer histórias fortes e agradáveis às crianças dentro de um universo onde a mulher não era submissa ou muito menos passiva. Pelo contrário: sempre foi marcante e expressiva dentro do seu universo, dando verdadeiros exemplos das diversas personagens femininas. **PI**





Tatiana Belinky

Uma “antiga” senhora amante dos livros

“Brincar com palavras, eu gosto e consigo. Mas acho melhor que elas brinquem comigo”
Tatiana Belinky

A escritora, que no dia 18 de março deste ano chegou ao 94º natalício com muita lucidez e energia, não gosta de ser chamada de velha, afinal, nunca deixou que sua criança interior adormecesse. Com esse espírito já tem mais de 250 obras publicadas e promessas de mais tantas outras.

Tatiana nasceu no ano de 1919, na cidade de São Petersburgo, na Rússia. Lá viveu por 10 anos, quando veio com sua família ao Brasil de navio, fugindo das dificuldades enfrentadas na antiga União Soviética. Em sua bagagem havia algo que não faltava à família Belinky: livros. A renomada autora, que aprendeu a ler com apenas 4 anos, já afirmou em entrevistas a



FOTO JAIR BERTOLUCCI

diversas fontes que em sua casa seus familiares estavam sempre lendo algum livro e contando muitas histórias a ela e seus irmãos.

No programa Primeira Pessoa, da TVE, Tatiana deixou clara sua relação com a leitura: “Até hoje eu leio três ou quatro livros ao mesmo tempo. Livro fez parte da minha vida. Inclusive, meu casamento com o médico psiquiatra Júlio Gouveia foi o casamento de duas estantes: a dele e a minha. E, como os livros sempre fizeram parte da minha vida, dizer qual me impressionou mais é difícil. Os que encantavam mais, quando menina, eram os de poesia”.

Quando chegou ao Brasil, a escritora desembarcou e permaneceu em São Paulo, onde estudou no Colégio Presbiteriano Mackenzie. Quando concluiu os estudos passou a trabalhar como secretária bilíngue e ingressou no curso de Filosofia, da faculdade São Bento. Não chegou a concluir a faculdade e

Tatiana Belinky escrevia todos os seus textos com máquina de escrever e até com o próprio punho. Sua caligrafia era de fazer inveja a muitos!

teve de assumir os negócios da família devido à morte de seu pai, em 1940.

De 1948 a 1951 criou, junto com seu marido, diversas adaptações de histórias infantis para o teatro. Uma delas foi “Peter Pan”. Essa iniciativa partiu do pedido de amigos do casal que presidiam uma sociedade beneficente que tinha apoio da prefeitura. O projeto fez tanto sucesso, que eles foram convidados pela extinta TV Tupi para criar um programa infantil “bem brasileiro”. Tatiana não teve dúvidas em relação ao autor que contemplaria: Monteiro Lobato, seu preferido em se tratando de literatura infantil. Assim, A pílula falante e O casamento de Emília ganharam vida na TV. O programa passou a ser semanal e Tatiana criou a série Sítio do Picapau Amarelo, que ficou sendo exibido por mais de 10 anos.

Depois de ter saído da televisão, Tatiana Belinky assumiu cargos como a direção do setor infantojuvenil da Comissão Estadual de Teatro e como colunista de jornais como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde e Gazeta de Pinheiros, nos quais escrevia críticas de literatura infantil.

Somente em 1985, a

A simpática escritora sempre gostou de bruxas. Em sua casa há um número bastante expressivo delas. Quando era pequena se identificava com as bruxinhas porque elas tinham poder, mas não eram “boazinhas” e “sem graça” como as fadas. Ao chegar ao Brasil, conheceu as obras de Monteiro Lobato e, seu encanto pela boneca Emília superou o que tinha por qualquer outra bruxa.

escritora começa a publicar seus livros e a fazer traduções de obras literárias (já que era fluente em russo, alemão e inglês). Entre suas obras mais conhecidas estão “A Operação Tio Onofre”, “O Caso dos Ovos”, “Medroso! Medroso!”, “Cacoliques e Limeriques”.

Tatiana Belinky é uma das escritoras de literatura infantil mais consagradas no Brasil e a qualidade de suas obras garantiram a ela o Prêmio Jabuti, em 1989, bem como a 25ª cadeira da Academia Paulista de Letras.

Esta matéria foi escrita antes do falecimento da autora, no dia 15 de maio deste ano. Tatiana ficou internada por 11 dias no Hospital Alvorada, localizado na capital paulista. A equipe da Revista Pense! admira as obras da escritora e reconhece sua importância no cenário literário brasileiro. **PI**

Equidade em Educação

Como um dos principais princípios fundadores do PAIC, a equidade vem norteando todas as ações do Programa no Estado

Garantir igualdade de oportunidades educacionais é uma luta desafiadora que o Governo e a sociedade enfrentam para oferecer às suas crianças e jovens um dos maiores bens ao qual podem ter acesso: uma educação para todos e de qualidade. Nessa perspectiva,

trazemos uma breve reflexão sobre o tema, enfocando ações pró-equidade que estão sendo efetivadas em nosso Estado.

A igualdade de oportunidades e a inclusão são os pilares essenciais para que se possa falar de equidade em educação. De acordo com a

publicação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), “Equidade e qualidade na educação: apoio às escolas e aos alunos desfavorecidos”, “equidade, na área da educação, significa que circunstâncias pessoais ou sociais como

o gênero, a origem étnica ou o meio familiar não representam nenhum obstáculo para a realização do potencial educacional (equidade) e que todos os indivíduos atingem pelo menos um nível mínimo básico de formação (inclusão). Nesses sistemas educacionais, a vasta maioria dos alunos tem a possibilidade de atingir altos níveis de formação, independentemente das respectivas circunstâncias pessoais e sócioeconômicas”. A autora ainda afirma, seguindo o mesmo direcionamento, que “desse modo, combater o insucesso escolar contribui para ultrapassar os efeitos de privação social, uma vez que o insucesso é frequentemente causado por essa privação”. Dessa maneira, suas palavras nos levam a acreditar que não se pode distanciar a busca por equidade em educação e a busca por eficácia escolar.

Pensar e repensar estratégias para a melhoria da educação e redução de indicadores de baixo rendimento acadêmico dos alunos, como, por exemplo, o abandono escolar e a reprovação, são atitudes que favorecem a equidade. Deixamos claro que não há defesa do avanço escolar sem o devido êxito do aluno (“passá-lo” de ano com diversas dúvidas e

dificuldades que o impedirão de progredir adequadamente nas séries seguintes), mas, sim a contínua dedicação em favorecer o real aprendizado.

Com essa melhoria, a sociedade em geral só tem a ganhar, pois pessoas com níveis de formação mais elevados têm maiores condições de alcançar melhores empregos; contribuem com o espírito democrático, com a economia e têm perspectivas de vida mais saudáveis.

Uma estratégia pró-equidade bastante significativa e essencial é o Governo identificar e dar apoio a escolas cujos alunos apresentam índices piores de aproveitamento. Afinal, como afirmou um dos mais influentes sociólogos norte-americanos, James S. Coleman, em artigo intitulado “Desempenho nas escolas públicas”, “é para os alunos menos favorecidos [econômica e culturalmente] que melhorias na qualidade da escola irão fazer maior diferença no desempenho”.

Conforme a publicação da OCDE anteriormente citada, “as escolas com maiores parcelas de alunos desfavorecidos enfrentam riscos e desafios mais elevados que podem resultar em fraco aproveitamento, comprometendo o conjunto do sistema educacional”.

Para que esses riscos e desafios sejam superados, a organização em questão elencou cinco recomendações de ações a favor da equidade: reforçar o assessoramento e formação continuada dos gestores; contribuir para que o ambiente seja mais propício à aprendizagem, estimulando ações que estreitem as relações professor-aluno e aluno-aluno, avaliando e acessando informações sobre a realidade da escola e, também, do progresso escolar de cada aluno; criar condições para que os professores ampliem seus saberes e aprendam a lidar com novas situações; garantir estratégias e materiais para a aprendizagem do aluno, bem como promover avaliações formativas e somativas para monitorar seu avanço e garantir o aprendizado adequado dos conteúdos; e, por fim, priorizar os vínculos entre as escolas, os pais e as comunidades.

EQUIDADE NO PAIC

Desde sua criação, o PAIC já possuía entre seus princípios fundamentais a equidade. O seu objetivo maior, de que toda criança esteja alfabetizada até os 7 anos, é um dos exemplos disso, demonstrando a necessidade de a educação chegar a todos, sem diferenciação. É a

partir desse ponto que todo o Programa se baseia, trabalhando junto aos municípios para que nenhuma criança fique para trás nessa jornada.

“A gente considera que a equidade é um espírito norteador das políticas públicas e sociais do PAIC. Para isso, temos criado alguns mecanismos que ajudem e induzam os municípios e as escolas a terem mais equidade nos seus resultados”, explica Maurício Holanda, Secretário-Adjunto da Seduc. O primeiro desses mecanismos é a regra de distribuição do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS). Anteriormente, a tendência era que os recursos fossem transmitidos de forma que municípios maiores continuassem recebendo mais; para evitar isso, criou-se uma regra para que municípios menores, se obtivessem bons resultados, pudessem ter acesso a mais recursos que antes. Essa atitude é uma forma de contribuir com a equidade, apoiando o crescimento e incentivando-o da mesma forma para todos os municípios, independentemente do tamanho, mas levando em consideração suas capacidades.

O segundo mecanismo adotado tem relação com a aprendizagem das crianças. Tanto no prêmio Escola Nota

10 quanto no prêmio do ICMS, foi introduzido um peso, como um critério de cálculo, que faz com que a escola e o município que fiquem com crianças não alfabetizadas sejam penalizados por isso. Ou seja, os municípios podem ser premiados, numa perspectiva maior, por cuidar para que nenhuma criança deixe de ser alfabetizada. Geralmente, incentivos ao mérito tendem a gerar um crescimento nas disparidades, ocorrendo que os melhores tornem-se melhores e aqueles que estão com um nível mais baixo de aprendizagem acabem sem crescer. “A verdade é que a gente vem conseguindo com essas regras contrabalançar essas tendências no sentido de garantir uma melhoria com inclusão. Uma melhoria qualificada com a inclusão do grupo que está no nível mais baixo de aprendizagem, num processo que também garanta pra eles o direito de aprender”, esclarece Maurício.

Dentro desse contexto, com a necessidade de chegar a todos os alunos, o princípio gera ações dentro da sala de aula, no qual o professor dá atenção a cada criança dentro de suas demandas específicas. A partir daí, serão reconhecidas as diferenças e haverá tratamento específico para cada



uma delas, defendendo o direito de aprender como sublime a cada um. “A gente passa para o município a lição da equidade. Eu não posso olhar a média do meu município somente, eu não posso olhar a média da minha escola, eu não posso olhar a média da turma. Eu preciso olhar cada aluno. Esse é um exercício que existe desde que o PAIC nasceu como uma política pública. É um movimento em que a gente vem ajudando cada gestor educacional, cada professor e cada cidadão a ir em busca do direito de aprender de cada criança”, reforça Lu-



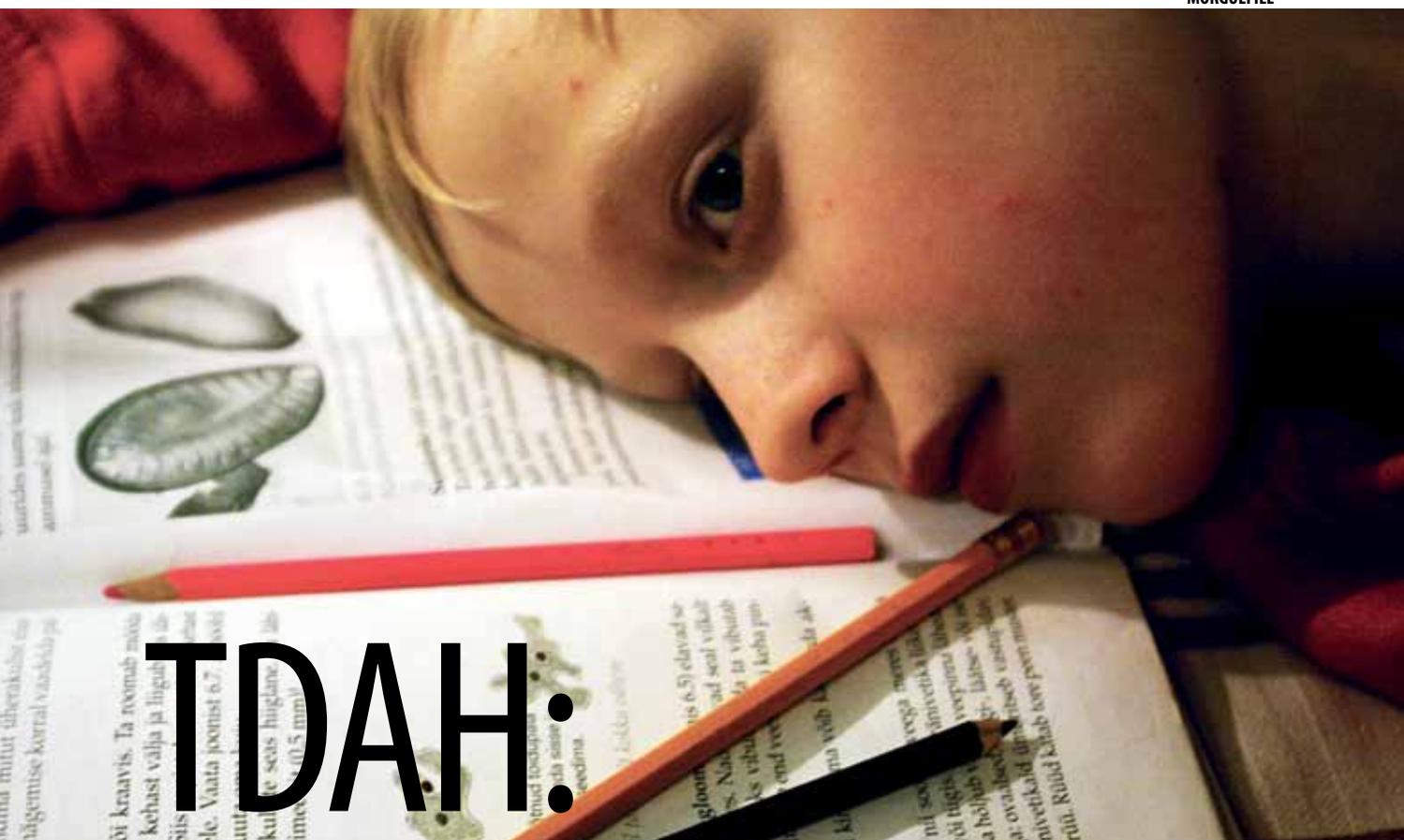
cidalva Bacelar, coordenadora do Programa.

Uma outra preocupação da Secretaria é com relação ao material distribuído nas escolas. Tudo é enviado de maneira equânime, sem diferenciação no tipo ou no modelo didático. Os materiais do PAIC são distribuídos igualmente nas escolas da capital e do interior do Estado. Essa é uma forma de destacar a equidade no processo, demonstrando que os recursos são oferecidos de maneira idêntica, sem apoiar mais um ou outro. Contudo, no caso de municípios prioritários, que manifestam alguma necessidade específica, o Programa busca atuar de maneira personalizada, correndo atrás dos que precisam mais, buscando estabelecer um equilíbrio através de formações diretas com os professores. “O PAIC, pelo princípio da equidade, sabe que essas demandas irão acontecer e já tem propostas para atender a essas demandas e a outras que a gente cria no decorrer da operacionalização”, esclarece Lucidalva.

É assim que, através dos cinco eixos – Gestão, Alfabetização, Educação Infantil, Literatura Infantil e Formação de Leitores e Avaliação Externa – o PAIC garante uma abordagem sistêmica, com múltiplos olhares para a educação no Estado. 



MORGUEFILE



TDAH:

A culpa não é do aluno

O Déficit de Atenção também pode ser identificado e acompanhado pelo professor em sala de aula

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ao contrário do que muitos pensam, não se configura como dificuldade de aprendizagem, mas seus sintomas podem levar a más conse-

quências no desempenho escolar e social.

Trata-se de um transtorno neurológico com causas ainda desconhecidas, mas com forte influência genética. Ele aparece ainda na infância e per-

siste, na maioria das vezes, até a idade adulta – mesmo que os sintomas se modifiquem nesse período. Apesar de não se enquadrar nas chamadas dificuldades de aprendizagem, os principais sintomas gerais desse transtorno – desatenção, hiperatividade e impulsividade – podem acabar afetando de alguma forma a aprendizagem.

Essas características podem prevalecer umas sobre as outras de maneira diferente, o que faz com que o TDAH configure-se em três subtipos: com predominância de desatenção; com predominância de hiperatividade; e com combinação de desatenção e hiperatividade.

Para que uma criança receba o diagnóstico de TDAH é preciso que seja avaliada em várias situações e por diversos instrumentos utilizados por profissionais especializados no assunto, como neurologistas, psicólogos ou psicopedagogos. Em hipótese alguma, testes com o início da utilização de medicação específica (metilfenidato) são decisivos para fechar um diagnóstico. Isso acontece porque qualquer criança, mesmo sem TDAH, responderia à medicação com a melhora da concentração e atenção.

A neuropediatra Newra Rotta, no livro “Transtornos de Aprendizagem: abordagem neurológica e multidisciplinar”, afirma que “a criança com TDAH tem dificuldade em prestar atenção a detalhes e, por esse motivo, frequentemente comete erros em atividades escolares, não consegue acompanhar instruções longas e não permanece atenta até o final das tarefas escolares ou domésticas”. Ela ainda

SUGESTÕES

- Solicitar que o aluno sente mais próximo ao docente;
- Estimulá-lo a colaborar com algumas atividades;
- Deixar as atividades que exigem mais atenção para o início da aula;
- Dividir uma atividade um pouco mais extensa em blocos pequenos (pedir que resolva primeiro duas questões, depois chame a professora e resolva mais duas etc.);
- Monitorar junto à criança quanto tempo falta para o término da atividade;
- Antes de ler um texto, ressaltar para os pequenos quais as principais ideias que eles encontrarão ali;
- Criar um bloco com as palavras cuja escrita é esquecida com frequência;
- Ao notar agitação, solicitar que faça outra atividade.

afirma que “há demonstração de dificuldade na organização, no planejamento e em realizar tarefas que envolvam esforço mental sustentado”. Além disso, essas crianças têm facilidade em perder seus pertences e a distraírem-se com estímulos externos.

A hiperatividade é algo que é bastante percebido, já que as crianças movimentam-se com muita intensidade, agitando mãos e pés, remexendo-se na cadeira, falando muito, tendo dificuldade em ficar parado e manter o foco em algo, dentre outras ações.

Segundo a já mencionada neuropediatra a impulsividade pode manifestar-se por “dificuldades em aguardar a vez; responder à pergunta antes do seu término; intrometer-

-se na conversa dos outros”. É importante citar que, associado a essa impulsividade, há também algumas características que podem ser observadas como apatia, irritabilidade e baixo limiar a frustrações.

Certamente as escolas têm preocupação em melhorar a qualidade de alunos com TDAH, mas nem sempre as crianças são diagnosticadas e há, ainda, certo desconhecimento por parte dos educadores de como dar esse apoio. Mesmo sem poder afirmar com certeza se uma criança tem ou não o transtorno, há algumas estratégias que o professor pode incluir no seu fazer pedagógico e verificar se colaboram para o aprendizado da criança. Confira no quadro a seguir e pratique na sua sala de aula.



Energia alternativa para salvar o planeta

Substituição das formas de energia pode evitar o aquecimento global



Uma das maiores preocupações que afetam a humanidade é em relação ao meio ambiente, que tem sido degradado de forma alarmante. Há várias discussões sobre a importância da preservação

ambiental e sobre maneiras acessíveis que contribuam com os cuidados ao meio ambiente.

Uma das formas de colaborar com esse cuidado essencial à vida humana é por meio da utilização de fontes

de energia alternativa, como a energia solar e a energia eólica (geração de energia pela força dos ventos). As energias alternativas são recursos de energia sustentáveis, o que significa que evitam a redução

de recursos naturais no futuro. Entre os benefícios estão o fornecimento de fontes de eletricidade limpas e baratas, diminuição da poluição e possui um impacto ambiental positivo de diversas formas, assim,

as companhias que decidem usar a energia alternativa. Além disso, colaboram para a limitação dos preços do gás natural e auxiliam a melhorar a qualidade do ar.

De acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), a energia eólica já é a segunda fonte de energia mais competitiva no país, perdendo somente para a hidrelétrica. Além disso, o Brasil pode passar a ocupar em 2013 a décima posição entre os maiores produtores de energia eólica do mundo.

O Ceará é o estado com a maior produção de energia eólica hoje: mais de 40% do total brasileiro. O Estado possui o maior potencial para ser explorado no futuro, com aproximadamente 60 gigawatts, ou quatro vezes a capacidade de Itaipu. Geradores já se incorporaram a paisagens como as dunas de Canoa Quebrada.

Para as pessoas que moram em casa, uma boa opção é trocar as telas convencionais pelas telas fotovoltaicas, que além de não poluir, possuem uma estética atraente. Esse tipo de telha é produzido com argilas naturais e sem aditivos e está ganhando cada vez mais popularidade.

Além de economizar dinheiro, a atitude de poupar energia elétrica também ofe-

rece benefícios ao meio ambiente, assim como optar pelo uso de lâmpadas fluorescentes, que consomem 75% a menos que as convencionais.

As escolas também podem contribuir com a preservação do meio ambiente oferecendo aulas de preservação ambiental às crianças. Essa iniciativa colabora para a conscientização do problema e para que as crianças se tornem adultos preocupados com as causas ambientais.

Apesar dos benefícios trazidos por essas fontes de energia, há ainda alguns desafios a serem enfrentados para que possamos aproveitá-las de forma satisfatória. As fontes de energia não são regulares, apesar de serem ilimitadas, quando precisamos nem sempre elas estão disponíveis para uso. Outro problema é o valor caro dos investimentos nessas fontes de energia, que necessitam de aparelhos de alta tecnologia para serem bem aproveitadas. Além disso, o aproveitamento das fontes de energia não é o mesmo em todos os países, devido à diversidade geográfica. Portanto, para colaborar com um meio ambiente mais saudável e melhor de se viver, é necessária a colaboração de todos os habitantes. 



Logogrifos:

uma maneira divertida de aprender as palavras

Nada como brincadeiras e atividades dinâmicas para despertar a atenção e a vontade de aprender nas crianças

CAÇA AO TESOURO COM LOGOGRIFOS

A principal ideia nessa primeira atividade sugerida é que as crianças desenvolvam uma consciência escrita ao mesmo tempo em que se envolvem com



uma brincadeira que já atravessou várias gerações e não perde o encanto: a caça ao tesouro.

Nessa brincadeira, as pistas devem sinalizar, por meio de desenhos, objetos que indicam o local onde estará a próxima pista. Por exemplo, o desenho de um jogo, para dizer que o enigma está oculto em um desses materiais; o desenho de um livro; de uma caixa; e tantos outros objetos que se tenha como recurso – isso deve ser explicado e exemplificado para os alunos.

Outra coisa importante é pensar sobre o que vai ser escolhido como tesouro. Muitas vezes, eleger algo que esteja fora da rotina das crianças se torna mais interessante aos olhos delas. Podemos dar como ideia um filme para ser assistido em outro espaço da escola, adesivos para eles colarem nas agendas ou mochilas, jogos ou brinquedos para o final da aula daquele dia etc..

Depois das pistas e do tesouro espalhados chega o momento de começar a brincadeira. Para que ela mantenha seu propósito educativo é importante que se estabeleçam regras especiais para seu desenrolar. Uma dessas regras

pode estipular que as crianças, mesmo sabendo onde está a nova pista, só podem buscá-la se escreverem a palavra indicada pelo enigma que tem em mãos.

ARTE COM FITA

Imaginar formas, montar um desenho ou expressar-se livremente por meio da arte é algo necessário a todas as crianças. No momento em que elas manipulam diferentes materiais e fazem uso de diferentes técnicas artísticas, trabalham sua concentração, coordenação motora, controle da força, lateralidade, organização e desenvolvimento do pensamento simbólico, além de muitas outras habilidades psicomotoras. Sugerimos, desta vez, um trabalho que envolve como

Se elas apresentarem muitas dúvidas, o professor pode escrever duas ou três opções de palavras para que eles verifiquem qual a correspondente. Em seguida os

material fita adesiva – preferencialmente de largura fina – tinta, pincel, tesoura e papel 60kg ou de espessura parecida.

O que os alunos irão fazer é criar um desenho com fitas. Dependendo de sua faixa etária e habilidade em utilizar tesoura pode-se colocar rolinhos de fitas na mesa para eles cortarem sozinhos. Caso contrário, a professora deve deixá-las cortadas e coladas na mesa (as crianças descolam as que quiserem utilizar). Tendo as fitas em mão (que não precisam ser coloridas), as

alunos devem copiá-la.

Para que a brincadeira fique mais dinâmica, pode-se dividir a turma em dois ou três grupos.



crianças as colarão no papel formando seu desenho.

Ao terminar a parte da colagem, elas buscarão tintas e pincéis, e cobrirão com as cores de sua preferência. Após essa ação, é só esperar a tinta secar e descolar as fitas do papel para ver como ficou o desenho!



ESTÁ QUENTE, ESTÁ FRIO MUSICAL

Essa brincadeira pode ser feita para estimular a percepção auditiva e, dessa maneira, contribuir para que as crianças notem com mais naturalidade os sons produzidos pela fala. Ela é uma atividade bastante simples e divertida!

A primeira coisa que deve ser feita é sentar os alunos em uma roda e mostrar a eles um objeto que será escondido. Também escolher com eles uma música para ser cantada no desenrolar da atividade. As crianças devem entender que essa brincadeira funciona assim: escolhe-se uma delas para sair de sala e, quando estiver do lado de fora, esconde-se o objeto. Imediatamente, deve-se chamá-la para retornar à sala e iniciar a busca. Se o estudante estiver perto do objeto, o grupo canta a música bem alto e, se estiver longe, bem baixo. Assim que o objeto for encontrado escolhe-se outro aluno para ir e assim por diante. 



Impressora 3D

Já pensou em ter uma miniatura de você mesmo saindo de uma impressora? Não estamos falando da impressão de uma foto ou imagem, mas da possibilidade de ter um “bonequinho” sendo impresso. Sim, essa tecnologia existe e já sendo utilizada por diversas empresas e agências: modelos e peças de carros, projetos arquitetônicos, acessórios para celulares e até robôs. Há inclusive pesquisas sobre sua utilização na medicina para a criação de próteses ósseas e até de células tronco embrionárias. Muito já está sendo produzido e ide-



alizado com o aparecimento dessas máquinas.

A criação de uma peça tridimensional acontece imprimindo diversas, sucessivas e finas camadas em 2D e, ao mesmo tempo, cortando-as para dar forma ao objeto pretendido. Apesar da inovação e dos benefícios, a impressora 3D também tem seu lado negativo: não funciona de maneira simples como as tradicionais, em que basta apertar um botão e pronto. As impressoras três dimensões exigem programação prévia um pouco mais complexa e manipulação durante sua utilização, o que nem sempre é simples. Além disso, seu valor de aquisição e manutenção é muito alto. **PI**

TEM ÁGUA SAINDO DO OUTDOOR

Qual seria sua reação ao presenciar uma pessoa estendendo um copo para um outdoor com intenção de saciar sua sede? A cidade de Lima, no Peru, é pouco banhada por chuvas, pois fica localizada em um deserto, no entanto, tem muita umidade no ar. Diante desse fato, na Universidade de Engenharia e Tecnologia da cidade mencionada, foi elaborado um outdoor que é capaz de retirar as gotículas de água presentes no ar e filtrar a água que vai aos poucos sendo armazenada. Em cada outdoor há um tanque com capacidade de armazenamento de 96 litros de água, bem como torneiras para as pessoas se servirem. Não é interessante?

UMA TELA QUE EMOCIONA

O “telão” não é uma novidade. Já o conhecemos, especialmente das salas de cinema. Mas o que se faz com a tecnologia, mesmo que ela não seja recém-lançada, pode se configurar como uma inovação. No hospital Mário Penna, em Minas Gerais, foram instalados telões acessíveis a pacientes que fazem tratamento contra o câncer. Através deles, os pacientes se deparam com palavras e mensagens de força e encorajamento que são enviadas por usuários do Twitter. Esse projeto, intitulado “Doe Palavras”, está ganhando grande repercussão pelo Brasil e no exterior.



Trompete: Conheça sua origem e saiba por que até hoje ele faz sucesso

Um dos instrumentos musicais mais antigos, o trompete, é prático e bastante utilizado pelas pessoas que gostam de produzir diversos estilos de sons. Também conhecido na forma de trombeta, ou pistão, o trompete foi muito usado por povos antigos, principalmente pelos egípcios, assírios e hebreus, com fins militares e religiosos, e, à época, produziam apenas os sons naturais de vibração da coluna de ar, tendo sua acústica determinada pelo tamanho do objeto. Além disso, o trompete também era muito usado por pastores para conduzir o rebanho ou em tempos ainda mais antigos para assustar animais pré-históricos, sendo considerado um instrumento de chamada.

Os primeiros trompetes, semelhantes aos megafones, eram feitos de bambu, ossos de animais, conchas e madeira. Só depois, com o domínio do metal, o povo romano passou a criar instrumentos mais resistentes. Ainda durante a Idade Média, feitos de materiais bem simples, entre eles o latão, marfim e até cornos de animais, os trompetes eram usados em ocasiões especiais, como anunciar a chegada



do rei. Depois, passaram a ter uma capacidade sonora maior, fator fundamental para o uso em atividades militares.

O trompete assumia na antiguidade um papel quase sagrado. Em lugares como Tibete, Roma e Israel, apenas os sacerdotes podiam utilizá-lo. As próprias referências da Bíblia ao trompete estabelecem uma relação significativa entre este instrumento e as vozes dos anjos.

O trompete só começou a evoluir e a ser utilizado na música no século XV, no período do Renascimento. Como ainda não tinha uma técnica aprimorada na época, ele era apenas utilizado para algumas notas e marcações, porém o objeto ganhou importância como instrumento musical apenas a partir do século XVII, ao ser introduzido na

orquestra, no II milênio antes de Cristo. O instrumento possui uma sonoridade brilhante que penetra nos ouvidos, sendo muito usado pelos compositores em uníssono com as cordas e as madeiras da orquestra, assim como em apresentações solo.

Somente no ano de 1815, um trompista alemão chamado Heinrich Stölzel criou o sistema de válvulas para instrumentos de metal e, em 1939, o francês Périnet patenteou um sistema de válvulas chamado “gros piston” que é a origem das válvulas que são utilizadas hoje no trompete.

Atualmente, o instrumento faz sucesso na música clássica, no jazz e em diversos ritmos latinos, como o mambo e a salsa. Que tal aprender a tocar trompete? **PI**



O Teatro Mágico



Indo muito além da música, o grupo faz de seus shows um verdadeiro espetáculo, enchendo os olhos de quem assiste

Música, dança, circo, teatro, literatura... São múltiplas as linguagens apresentadas em um show do grupo O Teatro Mágico. Formado em 2003, em São Paulo, a trupe – como eles mesmos se denominam – veio a Fortaleza durante a Conferência Municipal de Educação e mostrou como a música pode se relacionar com o universo literário.

Durante as apresentações, é difícil não se impressio-

nar com a pluralidade de movimentos em cima do palco: violinos, percussões, palhaços, trapezistas, malabaristas etc., todos seguindo um mesmo ritmo e acompanhando um mesmo tom, regidos desde 2003 pelo ator, músico e compositor Fernando Anitelli, criador do grupo. Diversidade é a palavra-chave que norteia toda a proposta do grupo que, para além das diversas linguagens, mantém em seu objetivo alcançar pessoas de todas as classes, tribos e idades, sem distinções.

A influência da poesia e da literatura em suas letras não é casual. Anitelli realmente teve como fonte de inspirações o autor alemão Hermann Hesse, inclusive para o nome do proje-

to, O Teatro Mágico: “No livro ‘O Lobo da Estepe’, o personagem entra dentro de um teatro mágico, onde ele vê outros personagens que compõem o espaço [...], eu achei isso muito bacana e me marcou, então decidi dar esse nome ao projeto”, explica. A partir dessa primeira referência, muitos outros autores começaram a entrar no universo d’O Teatro Mágico, como Clarice Lispector, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade.

A literatura tem um peso muito grande para o grupo. Segundo seu criador, uma das coisas que mais agrada os fãs da banda são as letras das músicas, sempre escritas com muito esmero e dedicação. “A gente não acha que a letra é só para ocu-

DIOGENES LOPES



par espaço sonoro”, esclarece Anitelli, lembrando as muitas composições que são realizadas de maneira despretensiosa e sem nenhuma mensagem. A maioria das músicas da banda sempre busca transmitir algo e, como bem assumiu o compositor, “devem sempre incomodar”. O incômodo deve ser gerado porque é o significado real de que mexeu com as emoções do público, para o mal ou para o bem. Isso é fundamental para a concepção da arte no palco.

Nada é por acaso n’O Teatro Mágico, muito menos o que vestem quando sobem ao palco. O grupo, em todas as apresentações, está sempre fantasiado, geralmente de clown, o conhecido palhaço. “A ideia surgiu através dos saraus, espaços onde as pessoas se encontram pra compartilhar poesia, música, dança, arte... A nossa ideia era justamente fazer isso, reunir essas linguagens. Qual personagem seria capaz de traduzir essa pluralidade? O clown, o palhaço, um personagem múltiplo, que tanto pode ser o bonzinho quanto o mau. O palhaço sozinho já é um espetáculo”, lembra Anitelli. Assim como no circo, n’o Teatro Mágico os palhaços conseguem dialogar com crianças, jovens e adultos, sem fronteiras. É para a alegria de todos, sim, senhor. **PI**



Dor nas costas

A prática de atividades físicas e a melhora na postura podem ser maneiras eficazes de combater esse mal que já atinge 85% da população mundial

Quantos de nós, após um dia cansativo de trabalho, chegamos em casa se queixando de dores na coluna e sentindo os ombros pesados? Certamente muitos, tendo em vista que é cada vez mais frequente o número de pessoas que sofre de problemas por conta da má

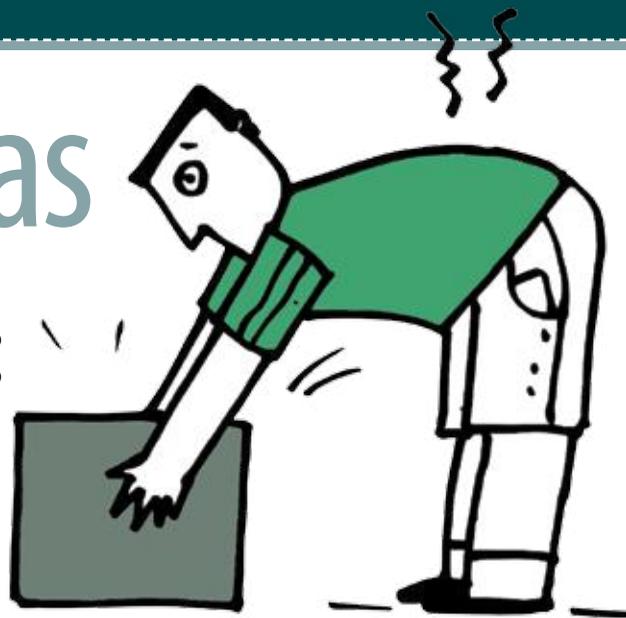
postura ao longo da vida. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 85% da população mundial sentem dores na coluna.

Um dos fatores que contribui para essa porcentagem, além da postura incorreta do cotidiano, é o número de horas que passamos sentados, em frente ao computador, ou na mesma posição em pé. Ambos os casos estão extremamente presentes no dia a dia do professor. De acordo com levantamento publicado na Revista

Brasileira de Epidemiologia, em 2009, dores musculares em membros superiores e inferiores em profissionais da área de educação são frequentes e estão diretamente ligadas a esforços físicos e ao tempo de trabalho. Essa informação reforça a importância

de cuidarmos melhor da nossa coluna, atentando para os momentos em que ela pode ser mais prejudicada.

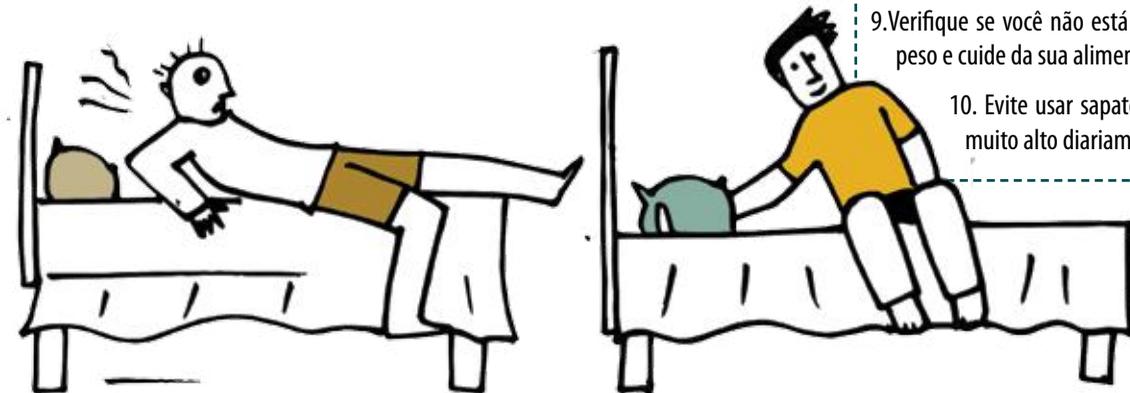
A lombalgia, nome científico da já conhecida dor nas costas, pode ser causada por diversos fatores, como a obesidade, esforços excessivos, má postura e, claramente, por algum distúrbio mecânico pes-



soal. As causas são multifatoriais e vão além de questões físicas, englobando inclusive problemas emocionais, como o estresse, a ansiedade e a depressão. Muitas pessoas, à medida que sentem cada vez mais desconforto, acabam ficando paradas, entregues à dor, e acreditam que, dessa forma, em repouso, vão estar contribuindo para uma melhora. Pensar dessa maneira é um grande engano, segundo a equipe do Departamento de Cirurgia Ortopédica da Universidade de Washing-

ton, nos Estados Unidos. Depois de examinar artigos científicos sobre o assunto, foi reconhecido que fazer exercícios de duas a três vezes por semana é benéfico no auxílio das crises na coluna.

Tendo em vista o crescimento das dores na coluna entre a população mundial, também vem crescendo as formas de tratamento para esse problema. A Reeducação Postural Global (RPG), o pilates e a yoga são alternativas bastante procuradas para esses casos. Os três têm a capacidade de auxiliar na melhora da respiração, correção da postura e prevenção de lesões. O importante é que haja orientação profissional para que os exercícios não sejam realizados incorretamente pois, dessa forma, podem até piorar o quadro de dor. **PI**



MELHORE SUA POSTURA

Andar, sentar e até mesmo dirigir o carro podem interferir na saúde da sua coluna. Quanto antes você corrigir e trabalhar seus movimentos, mais fácil fica eliminar os vícios posturais. Veja as dicas a seguir.

1. Esteja consciente da sua postura o tempo todo;
2. Ao caminhar ou sentar, corrija qualquer curvatura das costas;
3. Quando estiver em pé, distribua o peso em ambas as pernas;
4. No trabalho, sente em uma cadeira de altura regulável que permita que você apóie os dois pés no chão;
5. Encoste sempre as costas no encosto da cadeira;
6. Procure fazer períodos de intervalo no uso do computador;
7. Tenha atenção ao carregar a sua bolsa. Distribua sempre o peso, preferindo as mochilas;
8. Evite estudar ou ler muito na cama, pois você acabará assumindo uma postura inadequada;
9. Verifique se você não está acima do peso e cuide da sua alimentação;
10. Evite usar sapato de salto muito alto diariamente.



Um novo olhar sobre a infância

Muito da Educação Infantil que conhecemos hoje foi pensado há anos

A nos se passaram para que fosse reconhecida a necessidade de condutas educativas específicas para as crianças. É difícil de imaginar, mas, há algum tempo, a noção do que se tinha por infância era bastante diferente da que temos hoje. As peculiaridades sobre o desenvolvimento do pensamento infantil, o reconhecimento de algumas necessidades, como a brincadeira e a criação de espaços destinados à educação da criança pequena, eram totalmente impensáveis.

No século XVIII, durante o Iluminismo, Jean-Jacques Rousseau defendeu uma educação da criança em que eram considerados seus desejos e sentimentos. Na visão desse teórico, estes eram diferentes em cada etapa da vida e não deviam ser confundidos com os dos adultos, o que foi bastante inovador e propiciou novas reflexões sobre a infância. No

livro “Emílio”, Rousseau expõe como deveria ser a educação de uma criança. Essa obra foi um marco na história da educação e influenciou diversos educadores do mundo todo. Entre eles, os que postularam ideias para o ensino de crianças pequenas, que circulam nas salas de Educação Infantil até os dias de hoje. Falaremos um pouco mais sobre alguns deles.

Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827) foi um pedagogo suíço que, seguindo princípios de Rousseau, acreditava em uma bondade inata do ser humano. Afetividade é a palavra que certamente mais marcou sua trajetória na educação, enfatizando-a dentro do contexto familiar. O educador defendeu uma educação voltada para o nível de desenvolvimento em que a criança estava, sem forçá-la a fazer atividades para as quais ainda não estava madura. Além disso, valorizava bastante a realização de trabalhos manuais e a formação moral do indivíduo. Percebemos que o que Pestalozzi propôs – união dos pilares intelectual, moral e prático – é bem parecido com o que denominamos

As peculiaridades sobre o desenvolvimento do pensamento infantil, o reconhecimento de algumas necessidades, como a brincadeira e a criação de espaços destinados à educação da criança pequena, eram totalmente impensáveis.

contemporaneamente de Educação Holística (promover um desenvolvimento harmônico de todos os aspectos que compõem o ser humano).

O educador alemão Friedrich Froebel (1782 – 1852), em 1837, trouxe uma contribuição fundamental para a Educação Infantil e muito presente nos dias atuais: o espaço que chamou de kindergarden (jardim da infância), que era um local onde as crianças aprenderiam sobre si mesmas e sobre o mundo. Isso foi essencial para o aparecimento das pré-escolas. Também incentivou a

utilização de jogos, que ajudavam a criança a compreender a realidade de maneira leve (dentro da brincadeira). Além dos jogos, criou a ferramenta pedagógica que chamou de dons e ocupações, composto por materiais como sólidos geométricos, areia, papel e argila para atividades como pintura, recorte, modelagem e dobradura. Ainda são bem utilizados, não é verdade?

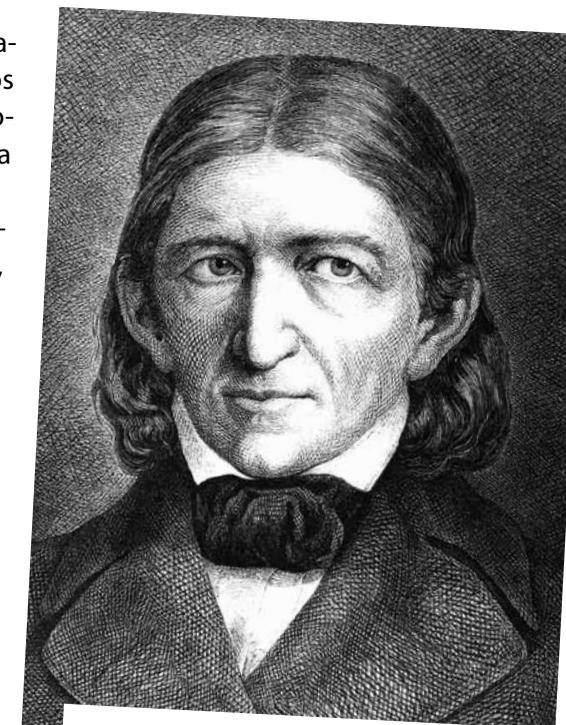
Ovide Decroly (1871 – 1932) foi um médico belga que sugeriu a utilização de centros de interesse, que eram grupos de aprendizado organizados em faixa etária. Sua principal contribuição foi a de criar um método de ensino voltado para a totalidade. As crianças observavam um objeto concretamente, faziam associações, tiravam conclusões e as expressavam de alguma maneira (desenho, fala, escrita etc.). Certamente, há semelhanças com métodos de alfabetização atuais que concebem que as crianças aprendem muito mais partindo de discursos completos e associação de significados do que de letras e sílabas apresentadas de maneira isolada.

A médica Maria Montessori (1879 – 1952) criou vários materiais até hoje atuais e necessários, como a mobília adaptada ao tamanho da crian-

ça e espaços diferenciados, com elementos para favorecerem os jogos simbólicos, como a brincadeira de casinha.

Grande estimulador da cooperação, tomada de iniciativa e participação da criança, o professor francês Celestin Freinet (1896 – 1966), organizou, entre suas atividades educacionais, experiências como aulas-passeio, desenho livre e o jornal escolar. Que professor nunca planejou momentos como esses?

É interessante lançar um olhar para o passado e perceber como é nítido o expressivo número de propostas que esses teóricos trouxeram para educação. Na época, revolucionárias. Hoje, corriqueiras. **P!**



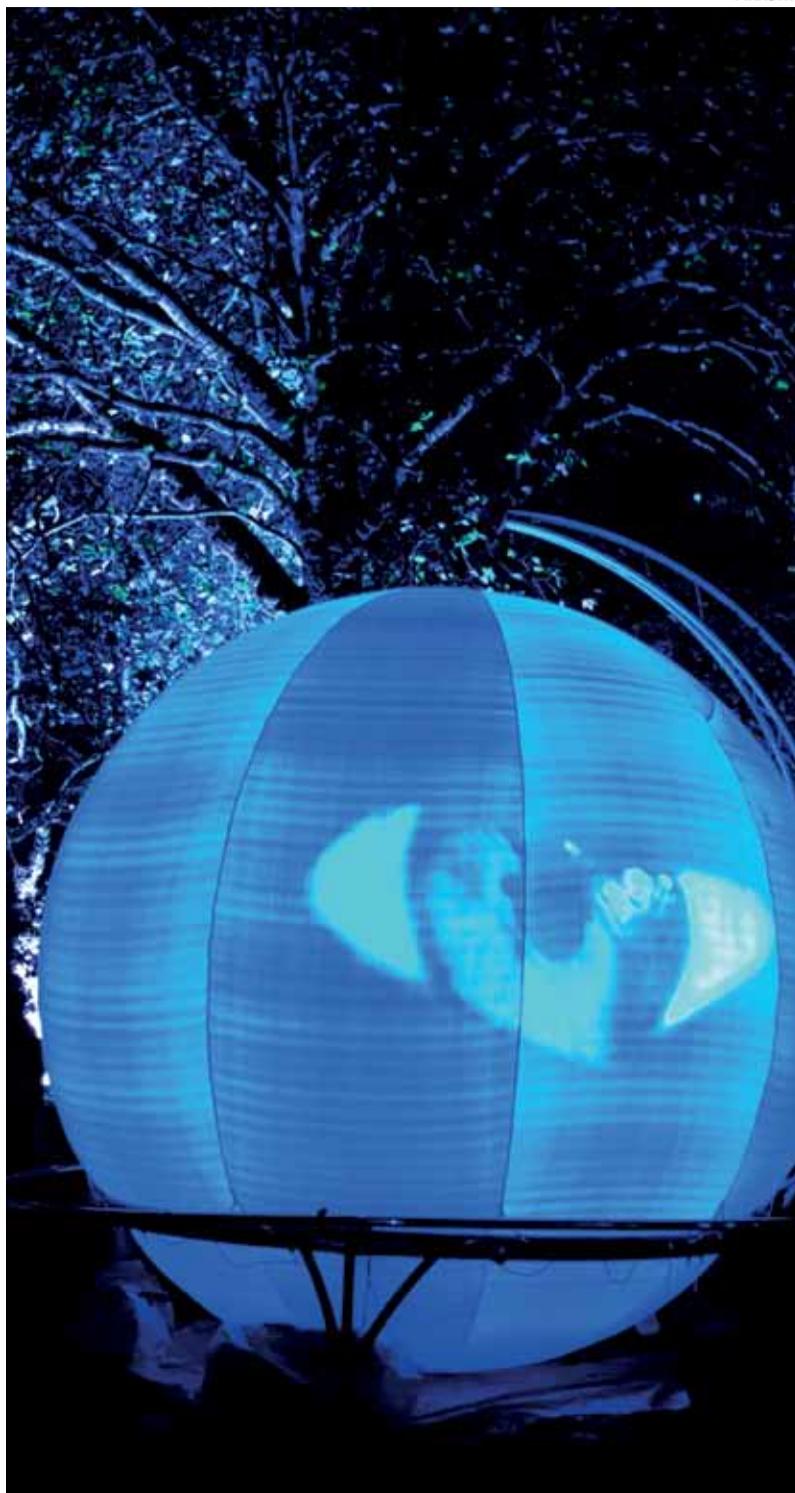
WIKICOMMONS



Froebel e Montessori, os precursores da Educação Infantil



PIXABAY



Reality shows

Eles surgiram despretensiosos, mas hoje, quando em exibição, tomam conta da grande mídia brasileira

Foi no comecinho do século XXI que a febre começou a pegar no País, com a criação do primeiro reality show brasileiro, o programa *No Limite*, veiculado na rede Globo. A partir de então, com a boa aceitação dos telespectadores e a audiência crescente, eles não deixaram de surgir anualmente, com personagens-relâmpago que passam a fazer parte de nossas vidas quando os deixamos chegar a nós pela tela da televisão. Nos cabeleiros, nas salas de espera, nos restaurantes e, com certeza, na sala dos professores, eles acabam virando assunto, para o mal ou para o bem.

O modelo de reality show ou, traduzindo, “show da realidade”, foi criado ainda no início da década de 1990, com programas que reuniam estranhos em um mesmo ambiente por um período estendido de tempo, como o programa alemão *Nummer 28*, pioneiro em seu estilo, trazendo, pela primeira vez, a ideia de “confessionário”: uma sala onde os participantes podem desabafar sobre o que está ocorrendo no convívio. Ganhando força, o modelo passou a ter alcance mundial com a criação dos principais programas impulsionadores do gênero, o holandês *Big Brother* e o inglês *Survivor*. Ambos chegaram ao Brasil em versões adaptadas logo no início dos anos 2000.

Dentre os atualmente famosos realities brasileiros, certamente o *Big Brother*, com recorde em exposições – ao todo, 13, e a caminho da 14ª – é o que faz mais sucesso. A prova disso é que é bem comum, em períodos de “paredão”, ouvirmos alguém comentando sobre a sua escolha na futura votação, demonstrando suas preferências dentro do jogo. Na final da sua 10ª edição, o programa alcançou mais de 154 milhões de votos,

quebrando o recorde mundial de maior votação em reality shows do mundo.

O que muita gente não sabe é que, ironicamente, o *Big Brother* tem seu nome baseado em uma obra moderna de extrema importância, o livro “1984”, de George Orwell, pseudônimo do inglês Eric Arthur Blair. “*Big Brother*” ou “Grande Irmão” é, na trama, o líder governante do mundo ocidental que vigia toda a população por meio das “teletelas” e governa de forma tirânica, manipulando o pensamento de todos os habitantes da Oceania, estado fictício onde se passa a história. Analisando de forma metafórica, comparando ao livro, é assim que nós, espectadores, agimos diante do programa, escolhendo os participantes que devem sair e os confrontos que devem ocorrer, numa ilusória manipulação do que acontece por detrás das câmeras.

Silvia Viana, autora do livro “*Rituais de Sofrimento*”, sobre realities, diz que “costuma-se associar os reality shows com essa obra devido à vigilância permanente dos confinados. Contudo, a vigilância é fator secundário, importam mesmo os rituais que

dão forma ao que será vigiado”, explica a autora, fazendo referência à maneira que são escolhidas e editadas as cenas que assistimos em casa.

Em todas as exposições do programa, tudo que assistimos é devidamente selecionado para que possamos conhecer melhor os participantes da forma que a produção deseja que os conheçamos: a partir de seu lado mais frágil, vingativo, heroico ou maldoso. Dessa maneira, criamos a falsa ideia de que conhecemos as pessoas que estão dentro da casa, mas, na verdade, conhecemos apenas aquilo que é transmitido para nós, após um velado processo de edição.

Assim, como em todos os outros programas televisivos e especialmente neste caso, cabe sempre a nós, espectadores, assistir a tudo com um olhar crítico e sagaz, fazendo questionamentos e moldando nossa percepção para conseguirmos captar a realidade daquilo que nós olhamos – mas precisamos ver com mais clareza. **PI**

SAIBA MAIS

Assista: “*O Show de Truman*” (1998), de Peter Weir, com Jim Carrey, Laura Linney, Ed Harris e outros.



Turismo Comunitário oferece benefícios a comunidades e turistas

Rede Tucum promove a diversidade cultural e a preservação ambiental



O Ceará é um dos estados que mais possui investimentos em turismo, porém o que nem todo mundo sabe é que nosso estado também abriga a Rede Tucum, um projeto de turismo comunitário, voltado para a população lo-

cal, com o objetivo de garantir a sustentabilidade sócio-ambiental, formado desde 2008.

Diferente do turismo convencional, onde se gasta com hotéis, pousadas e pontos turísticos, o turismo comunitário busca promover a diversi-

dade cultural, proporcionando ao turista a chance de vivenciar uma realidade bem distinta do seu dia a dia com um baixo custo. O turista se hospeda em locais acolhedores oferecidos pela própria comunidade, como casas de pescadores. O



CAMILA GARCIA



visitante não reclama, afinal busca tranquilidade e não o luxo oferecido pelos hotéis.

O projeto permite a interação entre diferentes povos e visitantes, promovendo maior valorização da cultura e do território. Se antigamente poucos tinham a chance de realizar o turismo comunitário, hoje esse tipo de turismo está em expansão por todo o mundo. Atualmente, 12 comunidades do litoral fazem parte da Rede Tucum, são elas: Jenipapo-Canindé, Batoque, Prainha do Canto Verde, Assentamento Coqueirinho, Ponta Grossa, Tremembé, Curral Velho, Alojamento Frei Humberto (MST), Associação Mulheres em Movimento, Tatajuba, Caetanos de Cima e Flecheiras. Além do contato com a natureza, o visitante tem a oportunidade de conhecer o estilo de vida de cada comunidade, como indígenas, pescadores e agricultores. A Tucum é composta por comunidades localizadas na zona costeira do Estado e por duas ONG's que apoiam o projeto, o Instituto Terramar (brasileira) e a Associação Tremembé (italiana).

A Rede Tucum busca fortalecer o turismo comunitário, ao oferecer belas paisagens naturais e apoio às comunidades, promovendo uma troca de conhecimentos culturais entre os

visitantes e a população tradicional. A experiência permite que se conheça melhor a cultura e o povo que nos cercam, além da oportunidade de desfrutar das belezas do nosso Estado. A Rede oferece vários pacotes. Cada destino tem uma programação específica de acordo com as atividades que a comunidade realiza.

As comunidades que oferecem hospedagem aos turistas são Tatajuba (Camocim) Caetanos de Cima (Amontada), Curral Velho (Acará), Reserva Extrativista do Batoque (Aquiraz), Assentamento Coqueirinho (Fortim), Prainha do Canto Verde (Beberibe), Vila da Volta (Aracati), Ponta Grossa (Icapuí) e Tremembé (Icapuí).

Para saber informações sobre os pacotes oferecidos

para viagens, acesse o facebook da rede Tucum: Rede Tucum Turismo Comunitário ou pelo site www.tucum.org

SAIBA MAIS

SAIBA MAIS SOBRE TURISMO COMUNITÁRIO

O turismo comunitário auxilia na permanência das populações tradicionais, incentiva a diversidade cultural e permite que atividades econômicas tradicionais, como a pesca e a agricultura, possam continuar, além de fortalecer o processo de integração e mobilização das pessoas da comunidade. Diferente do turismo convencional, no turismo comunitário a proposta é fazer que a renda adquirida seja destinada às comunidades locais.

O TRIUNFO



Esse filme, baseado em fatos reais, traz momentos da vida do professor norte-americano Ron Clark em sua profissão. Após obter resultados maravilhosos durante quatro anos consecutivos em uma determinada escola, o educador sai em busca de uma situação desafiadora. Muda-se para Nova York e se propõe a ensinar uma turma em que os alunos são extremamente rebeldes, têm dificuldades de aprendizagem, problemas de relações sociais e muitos vivem sérios conflitos familiares. O filme vem mostrando como sua incessante busca por estratégias para conseguir ensinar aqueles jovens, sem perder a alegria em sala de aula e, ao mesmo tempo, a firmeza.

ORGULHO E PRECONCEITO

A história se passa num cenário tipicamente inglês do século XIX e é um romance que vem encantando pessoas do mundo inteiro. Põe em foco um amor que cresce à segunda vista nos protagonistas Elizabeth e Darcy. Ambos tiveram impressões negativas a respeito um do outro, mas, diversas circunstâncias os possibilitaram conhecer também as virtudes: Elizabeth, que a princípio não era considerada bonita por Darcy, que inclusive a rejeitou numa simples dança, foi, depois sendo percebida como uma moça inteligente e espirituosa. Já Darcy, que passou impressão de arrogância à Elisabeth, mostrou-se bastante generoso e de caráter ímpar. A história, publicada no ano de 1813 é recheada de personagens envolventes e com enredo cativante.



O FILHO ETERNO

Com "O Filho Eterno", o escritor catarinense Cristovão Tezza acumulou alguns títulos, como o prêmio Jabuti 2008 na categoria "Romance", Prêmio São Paulo de Literatura, 4º Prêmio Bravo! Prime de Cultura, prêmio da Associação de Críticos de Arte de São Paulo e Prêmio Portugal Telecom. No livro, lançado em 2007, Tezza aproveitou questões da sua própria experiência como pai para expor as inúmeras dificuldades e as pequenas vitórias de criar um filho com Síndrome de Down, Felipe, hoje com 33 anos. Dentre os temas, estão a vida como ilegal na Alemanha para ganhar dinheiro, as dificuldades de escritor ainda aos 30 e o trabalho como professor em universidade pública, tudo isso conjugado à criação do filho e outras memórias.



ADIVINHE O AUTOR

"Pedro é um nome que a gente conhece em muitas línguas: Pedro, Pierre, Pietro, Pether, Petrus. Pedro pintou um dia, em alguma parte do mundo, o retrato de uma borboleta. O papel tinha o tamanho de sua intenção. As cores as de seu desejo. Pintou ainda sobre o papel flores para a borboleta se esconder e galhos para descansar. É mesmo fácil imaginar sua pintura ou fazê-la. Mas a consequência não foi tão simples. É melhor saber toda a história."

(Trecho extraído do livro "Pedro")

"Era silencioso o amor. Podia-se adivinhá-lo no cuidado da mãe enxaguando as roupas nas águas de anil. Era silencioso, mas via-se o amor entre seus dedos cortando a couve, desfolhando repolhos, cristalizando figos, bordando flores de canela sobre o arroz-doce nas tigelas.

Lia-se o amor no corpo forte do pai, em seu prazer pelo trabalho, em sua mansidão para com os longos domingos. Era silencioso, mas escutava-se o amor murmurando – noite adentro – no quarto do casal. A casa, sem forro, deixava vazar esse murmúrio com o aroma de fumo e canela, que invadia lençóis e dúvidas, para depois filtra-se por entre telhas.

Experimentava-se o amor quando, assentados ao calor da cozinha, pai e mãe falavam de distâncias, dos avós, das origens, dos namoros, dos casamentos.

E, quando o sono chegava, para cada menino em cada tempo, era o amor que carregava cada filho nos braços para a cama, ajeitando o cobertor sob o queixo."

(Trecho do livro "Indez")

DICAS...

- 1- Mineiro, da cidade de Pará de Minas Gerais, nasceu em 1944.
- 2- Seu primeiro livro publicado foi "O Peixe e o Pássaro", em 1974.
- 3- Algumas de suas obras mais conhecidas são: "Ciganos", "Ah! Mar...", "Mário", "Onde tem bruxa tem fada", "Indez" e "Para criar passarinho".
- 4- Foi um dos fundadores do Movimento Brasil Literário, que busca transformar o Brasil em um país de leitores.
- 5- Apesar de não ter tido intenção de escrever literatura infantojuvenil, as crianças se identificaram bastante com as temáticas abordadas e com a linguagem poética.
- 6- Utiliza muitas metáforas em suas obras. Elas têm o propósito de representar a evolução das descobertas do mundo real.
- 7- Recebeu vários prêmios, como: Prêmio Jabuti; Selo de Ouro, da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil; Diploma de Honra da IBBY, de Londres; Premio Rosa Blanca (Cuba); Quatrième Octagonal (França); Prêmio Nestlé de Literatura; Prêmio Academia Brasileira de Letras; IV Premio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil. Com o livro "Indez", foi o vencedor do Concurso Internacional de Literatura Infanto-Juvenil (Brasil, Canadá, Suécia, Dinamarca e Noruega).
- 8- Faleceu em 16 de Janeiro de 2012.

